

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

JOEZELE DA ROSA PEREIRA

**DA MARGEM AO MAR
NAVEGANDO COM AS MULHERES DA PESCA ARTESANAL PELAS
ÁGUAS DA ARTE/EDUCAÇÃO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS
EXPERIVIVÊNCIAS A PARTIR DAS OFICINAS DE UM PROJETO DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rio Grande
2023

JOEZELE DA ROSA PEREIRA

**DA MARGEM AO MAR
NAVEGANDO COM AS MULHERES DA PESCA ARTESANAL PELAS
ÁGUAS DA ARTE/EDUCAÇÃO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS
EXPERIVIVÊNCIAS A PARTIR DAS OFICINAS DE UM PROJETO DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental - Linha de pesquisa: Educação Ambiental Não Formal.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia de Fátima Socoowski de Anello.

Rio Grande
2023

Ficha Catalográfica

P436m Pereira, Joezele da Rosa.

Da margem ao mar navegando com as mulheres da pesca artesanal pelas águas da Arte/Educação: uma sistematização das experiências a partir das oficinas de um Projeto de Educação Ambiental / Joezele da Rosa Pereira. – 2023.

112 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2023.

Orientadora: Dra. Lúcia de Fátima Socoowski de Anello.

1. Arte/Educação 2. Educação Ambiental Crítica 3. Mulheres na pesca I. Anello, Lúcia de Fátima Socoowski de II. Título.

CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Joezele da Rosa Pereira

“DA MARGEM AO MAR NAVEGANDO COM AS MULHERES DA PESCA
ARTESANAL PELAS ÁGUAS DA ARTE/EDUCAÇÃO: UMA
SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIVIVÊNCIAS A PARTIR DAS OFICINAS DE
UM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.”

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 LUCIA DE FATIMA SOCOOWSKI DE ANELL
Data: 19/05/2023 19:14:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

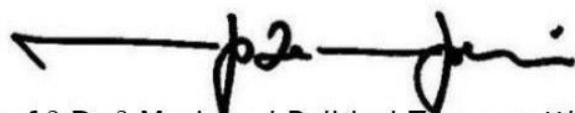
Prof.^a Dr.^a Lucia de Fatima Socoowski de Anello (PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
 DIONE IARA SILVEIRA KITZMANN
Data: 22/05/2023 15:47:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Dione Kitzmann (PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
 RITA PATTA RACHE
Data: 22/05/2023 09:38:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Rita Patta Rache (FURG)



Prof.^a Dr.^a Maristani Polidori Zamperetti
(PPGE/UFPEL)

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que compuseram esta obra artística e a minha caminhada enquanto arte/educadora.

À minha família, à minha orientadora, ao PEA-FOCO e à Trans For Mar.

Agradeço, também, aos meus amigos e amigas, colegas de mestrado e de trabalho, bem como a esta Universidade pública e gratuita.

Espero que, ao ler este trabalho, vocês possam se contaminar com a arte e sintam-se bem acompanhadas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão teórica sobre a importância da mediação da Arte/Educação na práxis da Educação Ambiental crítica, a partir da vivência em um projeto de Educação Ambiental, no processo de Licenciamento Ambiental Federal, que atua com mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal, do norte fluminense. Sendo assim, a temática deste projeto se constitui em compreender a “experivivência” como categoria fundamental da relação entre Arte/Educação, Educação Ambiental e a Educação Popular na práxis educativa desse projeto executado como condicionante do licenciamento ambiental de Petróleo e Gás em licença ambiental emitida pelo IBAMA, denominado PEA-FOCO. Nosso entendimento sobre o desenvolvimento processual nos leva a afirmar que: a Arte/Educação é essencial como mediadora no desenvolvimento da Educação Ambiental crítica e torna-se imprescindível quando se trata de pessoas com pouco ou nenhum letramento. Por outro lado, a mediação de uma profissional das artes garante a intencionalidade pedagógica através de ações planejadas por meio de uma metodologia que valoriza outros aspectos do ser humano e sua subjetividade, avançando para além do intelecto, da leitura e da escrita, utilizando a linguagem da expressão artística e popular na práxis educativa. Todo trabalho realizado é planejado antes, durante e depois, podendo ser adaptado, de acordo com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Assim, para navegar em mares desconhecidos, só é possível por ter bases em conhecimentos de quem já “experivivenciou” a práxis, como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação Ambiental Crítica; Mulheres na pesca.

ABSTRACT

This work aims to develop a theoretical reflection on the importance of Art/Education mediation in the praxis of critical Environmental Education, based on the experience in an Environmental Education project, in the process of Federal Environmental Licensing, which works with women included in the artisanal fishing production chain in the north of Rio de Janeiro. Therefore, the theme of this project consists of understanding “experivivência” (a term that refers to the integration of experience and living) as a fundamental category of the relationship between Art/Education, Environmental Education, and Popular Education in the educational praxis of this project executed as a requirement of the environmental licensing of Oil and Gas, in environmental license issued by IBAMA, named PEA-FOCO. Our understanding of processual development leads us to affirm that: Art/Education is essential as a mediator in the development of critical Environmental Education and becomes indispensable when dealing with people with little or no literacy. On the other hand, the mediation of an arts professional guarantees the pedagogical intentionality through actions planned using a methodology that values other aspects of the human being and their subjectivity, going beyond intellect, reading, and writing, using the language of artistic and popular expression in educational praxis. All work accomplished is planned before, during, and after, and it can be adapted, according to Ana Mae Barbosa's Triangular Approach. Thus, navigating uncharted seas is only possible by building on the knowledge of those who have already experienced the praxis, such as Paulo Freire and Ana Mae Barbosa.

Keywords: Art/Education; Critical Environmental Education; Women in fisheries.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Síntese das atividades e relatórios pesquisados.....	26
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mosaico com imagens das oficinas de estêncil em camisetas.....	27
FIGURA 2 - Mosaico com fotografias da oficina de papel reciclado.....	29
FIGURA 3 - Mosaico com fotografias da dinâmica “por onde andas?”	30
FIGURA 4 - Mosaico com imagens da oficina de hortas verticais.....	31
FIGURA 5 - Mosaico com imagens da oficina de fanzine	32
FIGURA 6 - Silhueta das mulheres como molde do estêncil.....	38
FIGURA 7 - Silhueta das crianças para os moldes da pintura dos muros.....	39
FIGURA 8 - Mosaico com as imagens da oficina de recorte dos moldes do pequeno jardim para a pintura dos muros.....	40
FIGURA 9 - Mosaico com imagens das mulheres trabalhando nos moldes para a pintura dos muros.....	42
FIGURA 10 - Mosaico com imagens das mulheres fixando as imagens no muro	43
FIGURA 11 - Mosaico com imagens das mulheres trabalhando nas pinturas dos muros	44
FIGURA 12 - Mosaico com as mulheres trabalhando na pintura dos muros....	45
FIGURA 13 - Mosaico com as mulheres exibindo o resultando do trabalho nos muros	46
FIGURA 14 - Mosaico com imagens das mulheres assinando o muro	47
FIGURA 15 - Mosaico com as atividades de preparo para o carimbo das mãos	49
FIGURA 16 - Imagem do muro com a pintura finalizada.....	51
FIGURA 17 - Fotografia do grupo ao final do evento de entrega das cozinhas pedagógicas.....	52
FIGURA 18 - Ana Mae Tavares Barbosa	57
FIGURA 19 - Modelo adaptado da abordagem triangular	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	Doença por Coronavírus 2019
FOCO	Fortalecimento da Organização Comunitária
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEARTE	Grupo de Pesquisa em Educação e Arte
GEPABOF	Grupo de Estudos e pesquisas em Arte/Educação Borrando Fronteiras
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
PCAP	Plano de Compensação da Atividade Pesqueira
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PEA	Projeto de Educação Ambiental
PEA-FOCO	Projeto de Educação Ambiental Fortalecimento da Organização Comunitária
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNUMA	Política Nacional de Meio Ambiente
SFI	São Francisco do Itabapoana
SJB	São João da Barra

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA.....	14
1.2 HIPÓTESE	14
1.3 OBJETIVOS	15
2 SISTEMATIZANDO EXPERIÊNCIAS COMO METODOLOGIA: O PEA-FOCO E SEUS RELATÓRIOS COMO MATERIAL DE ESTUDO E SISTEMATIZAÇÃO ...	16
2.1 A SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS E A DIALÉTICA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	16
2.2 A ARTE/EDUCAÇÃO NO PEA-FOCO COMO OBJETO DA PESQUISA...	25
3 O ESTÊNCIL E OS MUROS DAS COZINHAS PEDAGÓGICAS: SISTEMATIZANDO A EXPERIÊNCIA – UMA AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA	34
3.1 APRENDIZADOS INICIAIS: A TAREFA DE ENTENDER A ARTE/EDUCAÇÃO NO PEA-FOCO OU COMO ESTABELECEER COMUNICAÇÃO COM AS MULHERES.....	34
3.2 O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DAS OFICINAS NO PROCESSO CRIATIVO DAS SUJEITAS DA AÇÃO EDUCATIVA	36
3.3 AS EMOÇÕES DA ARTE/EDUCAÇÃO E A AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO	49
3.4 A Arte/Educação e a pedagogia do PEA-FOCO	52
4 A ARTE/EDUCAÇÃO E O PEA-FOCO: ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA	56
4.1 QUEM É ANA MAE BARBOSA?.....	56
4.2 ENCONTRO DAS ÁGUAS: A EXPERIVIVÊNCIA DA ABORDAGEM TRIANGULAR NAS OFICINAS DO PEA-FOCO.....	59
4.4 O PEA-FOCO COMO UMA EXPERIVIVÊNCIA DA ABORDAGEM TRIANGULAR NA ARTE/EDUCAÇÃO AMBIENTAL	65
4.5 A PANDEMIA DA COVID-19 E O MUNDO VIRTUAL	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICES	78

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que ora lhes apresento expressa parte da minha trajetória acadêmica e profissional que, por sua vez, está diretamente ligada, de modo indissociável, à minha história de vida e às minhas experiências em uma determinada conjuntura social. Dito isso, não cabe expor aqui uma retrospectiva da minha história de vida até o presente, mas enfatizar o fato de que, desde a adolescência, a Arte me constituiu como pessoa e, logo em seguida, conheci os elementos da Educação Ambiental, popular e não formal.

As experiências difíceis da infância e da juventude me fizeram criar uma repulsa pelos ambientes institucionais, os educacionais principalmente, com os quais só me reconciliei após cursar a graduação no curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mas foi difícil entender o caminho acadêmico, pois minha vivência, com esses espaços que não me acolheram de forma amorosa na infância e adolescência, me fizeram gostar da liberdade das ruas. Nessa perspectiva, eu achava que a universidade era um lugar distante, que não me dizia respeito, que me excluía e do qual eu mesma jamais gostaria de fazer parte. Eu tinha essa sensação de que a universidade seria algo elitista e pensar no processo de seleção para ingresso ao ensino superior já me deixava enojada, sequer havia uma possibilidade de seguir na vida acadêmica e cursar um mestrado.

Diversos motivos me levaram a uma mudança gradual de perspectiva. Entre eles, o contato, cada vez mais crítico e reflexivo, com a sociedade, que a partir da arte, despertou o desejo de fazer parte do sistema. Comecei a entender que não seria preciso apagar a minha identidade e posição social, ou seja, me transformar em outra pessoa para participar ativamente da vida acadêmica e da sociedade atual. Não seria necessário, por exemplo, sair das comunidades tradicionais, negar a minha posição popular na sociedade, perder a minha identidade, até então tão problematicamente construída, mas minha. Era possível, sim, fazer-me reconhecer como sou e produzir a partir da margem, tê-la como objeto de reflexão e trazer a discussão para dentro da universidade, a qual, em minha percepção, não estava preocupada com esse debate.

Entre empurrões e tropeços, estar no sistema educacional superior me fez ter certeza do quanto gostaria de ser professora, mais especificamente uma arte/educadora. A partir das experiências durante o curso de graduação, percebi a importância da arte na minha vida e na sociedade injusta e opressora em que vivemos. Mais que isso, tenho descoberto que as artes podem servir como estratégias muito úteis no enfrentamento dos problemas das pessoas em vulnerabilidade social, como aquelas pertencentes às comunidades periféricas. Além disso, podem servir para representar diversos grupos sociais que hoje se encontram invisibilizados ou marginalizados dentro a sociedade de consumo.

No decorrer dessa trajetória, aprendi bastante sobre os vários tipos de artes, tanto na prática quanto na teoria, entretanto, sempre mantive a maior afinidade com a arte de rua ou urbana. Mesmo estudando de forma mais aprofundada essa linguagem artística só no terceiro ano do curso, tive sempre esse desejo maior. Vista como a mais importante na minha vida, a arte de rua/urbana foi um meio que me transformou, fazendo de mim o que sou hoje: uma estudante, uma mãe, uma filha, uma pessoa que vive no interior desse universo, que não simplesmente faz parte dele, que dele participa ativamente, pois foi através dele que nasci.

Uma experiência da adolescência, em escrever e desenhar nas paredes de prédios abandonados, fez com que eu tivesse visibilidade e fosse descoberta. A arte expressou a vida que havia em mim e as pessoas puderam se aproximar. Através da arte de e na rua, pude me mostrar e, assim, fui ouvida e fui acolhida. Sim, tornei-me uma mulher com voz e vez.

Sendo assim, busco compartilhar um pouco da minha história desde a formatura em Artes Visuais. Desde a formatura em 2013, tenho atuado no Projeto de Educação Ambiental, no norte fluminense, com mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal. Esse é um projeto de mitigação de impactos exigido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) através da política de Licenciamento Ambiental Federal para a produção de petróleo e gás, denominado **Fortalecimento da**

Organização Comunitária (FOCO)¹. As mulheres que compõem o coletivo do projeto são um público vulnerável, pessoas humildes e com pouco conhecimento formal, mas com um saber autodidata que se manifesta de várias formas e ofícios. Elas estavam invisibilizadas do ponto de vista da organização social quando as primeiras ações se iniciaram na região.

Hoje, pode-se afirmar que aquilo que era um objetivo no projeto se tornou realidade: o fortalecimento da organização comunitária, o empoderamento dessas mulheres na defesa de seus direitos e no aumento de sua autoestima. A Arte/Educação foi a espinha dorsal para se trabalhar com o desafio do pouco letramento, através das vivências corporais e da ênfase no sensível, criando vínculo afetivo entre elas e delas com a equipe técnica, proporcionando um ambiente de aprendizagem com qualidade. O trabalho exposto nesta dissertação desenvolveu-se na forma de oficinas que contribuíram com a formação cidadã das mulheres e incentivaram a práxis e a criação artística, desde a margem até o mar, navegando com as mulheres da pesca artesanal pelas águas da Arte/Educação. Desse modo, acredito que é possível superar a ordem dos discursos e vivenciar a posição de sujeitas que produzem cultura.

Quero afirmar que, além da mediação da arte, é a perspectiva crítica que orienta o entendimento de Educação Ambiental e dialoga diretamente com a perspectiva freireana da educação popular. A consideração da história, tanto das mulheres como do modo de produção social e econômico que gera os impactos ambientais, são interpretados através do materialismo histórico.

Trabalhar com pessoas que possuem pouco letramento e pouca escolaridade em comunidades pobres com acesso escasso às políticas públicas é sempre um desafio para as educadoras ambientais. Portanto, refletir sobre as estratégias didáticas que se expressam na Arte/Educação, na Educação

¹ O PEA-FOCO é desenvolvido nos seguintes municípios e localidades: Atafona, Açu e Quixaba, em São João da Barra, e Gargaú, Sossego, Barra do Itabapoana, Barrinha e Lagoa Feia, em São Francisco do Itabapoana, todas situadas na região norte do estado do Rio de Janeiro. A partir de janeiro de 2020, o projeto ampliou sua atuação para a Região dos Lagos, também no estado do Rio de Janeiro, nos municípios de: Armação de Búzios, Arraial do Cabo e Cabo Frio (PEA-BC, 2023).

Ambiental e na Educação Popular no processo de ensino aprendizagem justifica este projeto.

Sendo assim, a temática deste projeto consiste em compreender a relação entre Arte/Educação, Educação Ambiental e a Educação Popular na práxis educativa no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Fortalecimento da Organização Comunitária (PEA-FOCO), iniciativa de Educação Ambiental, desenvolvida no norte fluminense e executada como condicionante do licenciamento ambiental de Petróleo e Gás em licença ambiental emitida pelo IBAMA, com mulheres inseridas cadeia produtiva da pesca. Norte fluminense PEA-FOCO.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

A questão de pesquisa é um ponto de partida da investigação, a instigação que me move a refletir sobre a minha práxis como educadora, tanto na Educação Ambiental quanto na Arte/Educação. Nossa vivência cotidiana no projeto nos leva a perguntar: qual é o papel da Arte/Educação no processo de ensino-aprendizagem na Educação Ambiental desenvolvida com comunidades tradicionais em espaços não formais?

1.2 HIPÓTESE

Nosso entendimento sobre o desenvolvimento processual do PEA-FOCO nos leva a afirmar que: a Arte/Educação é essencial como mediadora no processo de Educação Ambiental, tornando-se imprescindível quando se trabalha com pessoas com pouco ou nenhum letramento. Além disso, a mediação de uma profissional das artes garante a intencionalidade pedagógica por meio de ações planejadas de forma didática e pedagógica, utilizando uma metodologia que valoriza outros aspectos do ser humano e sua subjetividade,

avançando para além do intelecto, da leitura e da escrita, e explorando a linguagem da expressão artística e popular na práxis educativas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é desenvolver uma reflexão teórica, com base na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, sobre a importância da mediação da Arte/Educação na práxis da Educação Ambiental crítica, a partir da vivência em um projeto de Educação Ambiental inserido no processo de Licenciamento Ambiental Federal e que atua com mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal do norte fluminense.

1.3.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a proposta pedagógica que envolvem as atividades de Arte/Educação na agenda do PEA-FOCO;
- Identificar os pontos de mediação da arte/educadora durante o desenvolvimento das atividades do PEA-FOCO; e
- Desenvolver um estudo teórico relacionando a Educação Ambiental crítica e a Arte/Educação a partir da sistematização da experiência no PEA-FOCO.

2 SISTEMATIZANDO EXPERIÊNCIAS COMO METODOLOGIA: O PEA-FOCO E SEUS RELATÓRIOS COMO MATERIAL DE ESTUDO E SISTEMATIZAÇÃO

“O matemático Ta traçou uma figura muito irregular e convidou seus alunos a calcular sua superfície. Os alunos dividiram a figura em triângulos, círculos e outras figuras de superfície calculável; mas nenhum pode obter a superfície com exatidão.

Então o mestre Ta tomou uma tesoura, recortou a figura, colocou-a sobre um dos pratos de uma balança, pesou-a e colocou sobre o outro prato um retângulo facilmente calculável. Em seguida foi recortando o retângulo até que os pratos se equilibraram. Me-Ti qualificou-o de dialético porque -diferente de seus alunos, que só comparavam figura com figura- considerou a figura a calcular como um pedaço de papel com um peso (e dessa maneira resolveu o problema como um problema real, sem levar em conta as regras)”.

(BRECHT: Me-Ti, el libro de las mutaciones apud HOLLIDAY, 2006, p. 45)

Esta pesquisa se enquadra no campo da pesquisa social qualitativa com a finalidade de construir uma reflexão teórica sobre a prática em Arte/Educação em um projeto de Educação Ambiental e, segundo o matemático Ta, trata-se de um trabalho que pode ser recortado e medido de outras formas além das aparentes, com base em questões e problemas reais.

2.1 A SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS E A DIALÉTICA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

A partir deste momento, deixarei de usar o pronome “eu” e passarei a utilizar “nós” neste texto, pois são reflexões coletivas entre mim e a orientadora, que dialogam com os textos escritos por várias autoras e autores. Nossa metodologia está situada no campo da pesquisa social qualitativa e ancorada no conceito de “sistematização da experiência”, um processo reflexivo capaz de permitir uma análise crítica das minhas vivências como arte/educadora no PEA-FOCO. Para sistematizar a experiência, é preciso narrar a vivência experimentada e estabelecer com clareza o objeto vivenciado. Para isso, utilizaremos a metodologia proposta por Holliday (2006), que foi desenvolvida para auxiliar a avaliação dos projetos sociais executados como políticas na Amazônia Legal:

Pretendendo ser um guia didático, “Para Sistematizar Experiências” se apresenta como um instrumento para a reflexão crítica e ferramenta de planejamento dos processos de sistematização de experiências e para o fomento à disseminação de lições aprendidas. Esta publicação motivou-se em função dos avanços e dificuldades, alegrias e incertezas, do *saber-fazer* e do *fazer-saber* construídos nos cotidianos dos projetos do Programa Piloto e do Ministério do Meio Ambiente. Sistematizar experiências tem em seu cerne a Concepção Metodológica Dialética. Articula o presente com o vir a ser, com possibilidades, com potencialidades (HOLLIDAY, 2006, p. 8).

Nossa escolha metodológica se fundamenta em dois aspectos. O primeiro se relaciona com o objeto e as sujeitas da pesquisa, que são o Projeto de Educação Ambiental com mulheres da pesca artesanal, desenvolvido no contexto da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e da Política Nacional de Meio Ambiente (PNUMA), como condicionante de licença ambiental expedida e exigida pelo IBAMA. O segundo fundamento trata da reflexão sobre a minha experiência como arte/educadora do projeto, à luz da Arte/Educação e da Educação Ambiental Crítica.

Parece que o mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela busca penetrar no interior da dinâmica das experiências. Algo assim como entranhar-se nesses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria (HOLLIDAY, 2006, p. 24).

Nesse sentido, sistematizar as experiências significa reconstruí-las em nossa memória, seja no mundo dos afetos, seja no mundo dos documentos. Isso envolve olhar para trás, ver o que foi feito, quais vínculos e aprendizados se constituíram, e ordenar e reordenar as vivências e as respostas, os olhares e os sorrisos que significam aprendizados.

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo (HOLLIDAY, 2006, p. 24).

Para ilustrar o universo do nosso objeto de pesquisa, apresentamos, no Apêndice 1, uma lista com todos os relatórios produzidos no âmbito do PEA-FOCO, desde 2011 até os dias atuais. Esses documentos constituem o *corpus* da pesquisa, sendo quatro planos de trabalho e dezenove relatórios.

De forma mais específica, os quatro planos de trabalho correspondem a cada fase do projeto e contêm objetivos, metas, indicadores, metodologia consolidada e cronograma semanal. Para a **fase 1**, foram organizados dois anos de trabalho em cinco etapas; nas **fases 2 e 3**, foram estruturados três anos e seis momentos (semestres); e para a **fase 4**, foram ordenados quatro anos em oito momentos (semestres).

Os dezenove relatórios foram organizados e produzidos a cada seis meses de trabalho. Cada relatório é composto por uma análise processual que critica o desenvolvimento do projeto à luz de seus objetivos, metas e indicadores. Essa análise é sustentada por relatórios descritivos de cada atividade desenvolvida, contendo registros fotográficos, lista de presenças e a narrativa das ações.

Ali, em uma Concepção Metodológica Dialética, encontra-se, também, a fundamentação do percurso metodológico particular que deveríamos seguir em qualquer exercício de sistematização, partir da prática social que exercemos: organizar um processo de interpretação crítica dela, que vê do descritivo ao reflexivo; que realize de forma rigorosa - ainda que seja simples - análises, sínteses, induções e deduções; que situe nosso fazer nas tensões e contradições de fundo; que obtenha conclusões teóricas e ensinamentos práticos. Quer dizer, um método e procedimentos concretos que tenham coerência com sua fundamentação filosófica e que permitam fazer da sistematização, efetivamente, uma interpretação crítica de nossas experiências e uma ferramenta transformadora e criadora (HOLLIDAY, 2006, p. 58).

Seguindo o processo de sistematização das experiências, consideramos a tarefa de mergulhar nos documentos e, dessa forma, reviver os encontros com as mulheres. Sendo os estímulos da memória procurados nos relatórios, nas fotos e nos vídeos.

Esta visão de “conhecimento científico do social”, que separa o sujeito que conhece, do objeto por conhecer; que isola uma parte do todo; que pretende eliminar qualquer juízo de valor, sensibilidade ou emoção da

análise, porque lhe tirariam “objetividade” e “cientificidade”, não é exclusiva dos cientistas positivistas: muita gente pensa que essa é a única forma de conhecer válida e aceitável. E, como os discípulos não dialéticos do matemático Ta, enredam-se nas formalidades, nos esquemas vazios, nos discursos abstratos, sem poder entender os problemas reais e - o que é pior - sem fazer nada que contribua para resolvê-los (HOLLIDAY, 2006, p. 48).

Reviver os relatórios, as fotos e as memórias foi uma maneira de nos conectarmos com as mulheres e de torná-las parte ativa na construção desse trabalho. Esse processo acontece de forma coletiva, em um movimento dialético de construção conjunta da sistematização.

Nesse sentido, para além das experiências construídas junto às mulheres, a arte/educação, no processo de abordagem não formal, estrutura-se no marco legal da educação formal desde 1971 com o nome de educação artística. Em 1988, no processo de construção da atual Constituição Federal, o risco do ser excluído da instituição escolar promoveu um movimento de educadores que, organizados, garantiram a permanência do estudo de arte nas escolas e promoveram o amadurecimento deste ensino. Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a educação artística transformou-se em matéria de artes, sendo disposta no parágrafo 2 do artigo 26 a sua obrigatoriedade como componente curricular nos diversos níveis de educação básica, promovendo o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996).

Atualmente, o ensino de arte compreende as áreas de artes plásticas, artes cênicas, a dança e a música, e tornou-se obrigatório por meio da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. O Parâmetro Curricular Nacional-Artes também se apresenta como um marco documental no ensino da arte, uma vez que, em sua construção, evidencia-se uma contribuição para a ampliação do ensino das Artes, tendo como proposta a Metodologia Triangular, encabeçada por Ana Mae Barbosa.

O termo arte-educadora designa uma categoria de profissionais devidamente licenciados em arte que empreenderam uma luta política para que houvesse um espaço definido e respeitado no ensino formal. Reconhecendo que a arte é um campo de conhecimento que se contamina e não é um processo

espontâneo apenas, que vai além do lazer e da recreação. Dessa forma, a Arte é passível de ser estudada e ensinada formal ou informalmente.

A produção, a fruição e a reflexão são as três dimensões da Arte/Educação. A *produção* envolve o fazer artístico dos estudantes e dos produtores sociais de arte. A *fruição* consiste na apreciação significativa de arte dos estudantes e na análise da produção histórico-social em sua diversidade. A *reflexão* busca construir conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal e coletivo, bem como sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, enfatizando a formação cultivada da cidadã e do cidadão.

Dessa forma, a Arte/Educação é tanto conteúdo quanto método no projeto de Educação Ambiental, visando o fortalecimento da organização comunitária. Sua história remonta à década de 1980, especialmente com a contribuição da professora Dr.^a Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1991).

Ao desenvolver sistematicamente um trabalho de Arte/Educação em uma linha de Educação Ambiental não formal como é o caso do PEA-FOCO, desenvolvido no âmbito do licenciamento ambiental federal nas atividades de produção e exploração de petróleo e gás da Bacia de Campos, onde existe um outro tripé composto pelo IBAMA, empresa de petróleo e gás e empresa consultora e executora, agimos dentro dos princípios da Arte/Educação do Brasil. Continuamos o movimento que trata a produção, a fruição e a reflexão como produto da história e das culturas humanas. Dessa forma, lembramos as palavras de Carlos Frederico B. Loureiro:

a arte é muito mais que momento recreativo, o sentido lúdico em trabalhos de educação ambiental-ainda que a esse seja constantemente associada e reduzida. O divertimento e a alegria de estar com o outro em diálogo são fundamentais, mas usar a arte como técnicas isoladas para favorecer esses momentos é fragmentar o que é uno e único, é reduzir o potencial criador às técnicas, é limitar o alcance de algo que, no todo estruturado de um caminho metodológico inspirado na educação ambiental crítica, traz a valorização pessoal junto ao sentido político da ação pessoal e coletivo na transformação da realidade (LOUREIRO, 2019).

Tais palavras nos orientam sobre como devemos lidar com o desafio de trabalhar com as mulheres inseridas na cadeia da pesca artesanal do norte

fluminense. Essa questão está intimamente ligada à Abordagem Triangular enquanto metodologia pedagógica, desenvolvida por Ana Mae Barbosa. Com isso, compreendemos que nosso trabalho deve proporcionar uma experiência estética.

Nas artes, e na Arte/Educação, a experiência estética é o canal de comunicação do ser com o mundo. Produzir, apreciar e refletir sobre a arte revela-nos uma possibilidade de existência e comunicação para além da realidade de fatos e das relações que habitualmente estabelecemos com o outro, ou seja, acrescenta a dimensão poética na nossa compreensão e ação no mundo (RACHE, 2016, p. 51).

De acordo com Avancini (1995), a Arte/Educação, sob o enfoque da construção do cotidiano, se pauta pelo resgate pós-moderno do fragmento, do particular, das vidas anônimas, sem perder de vista a ótica dos movimentos sociais e coletivos de luta. Nesse sentido, como profissional da Arte/Educação, buscamos manter uma atitude de pesquisadora para apreender os diferentes “jeitos” das pessoas das comunidades, como marisqueiras, catadoras de caranguejo, pescadoras e fazedoras de rede.

No contexto da educação libertadora, Paulo Freire (1982, p. 41) afirma:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*.

No contexto na gestão ambiental pública, mais especificamente no licenciamento ambiental, a Educação Ambiental assume um papel importante como geradora e originadora da ação educativa, que se caracteriza como não formal. Nesse sentido, embora não estejamos focados na educação formal, não desprezamos a sua importância na conformação social. É fato para nós que a educação desempenha um papel estratégico no processo de transformação social e econômica de um país.

Conforme destaca Rosa (2020), o processo social, educativo e coletivo, que se estabelece em projetos e programas de Educação Ambiental no licenciamento traz como desafio a tarefa educativa e transformadora. Para alcançar a emancipação dos sujeitos envolvidos nesse processo, tornam-se fundamentais os elementos estruturantes expostos por Freire: a capacidade de sonhar, projetar, trocar experiências, vivenciar, discutir, defender suas posições e ideias, ter raiva, indignação e utopia, porque o sujeito da ação é capaz de amar.

Diante do exposto, destaca-se que a Arte/Educação se torna de suma importância no processo, uma vez que trabalhar com grupos sociais sem letramento e com baixa escolaridade, nos quais se encontram pessoas que sequer sabem decifrar o código escrito, transforma a tarefa desafiadora. Utilizamos uma metodologia que aposta outros aspectos do intelecto no processo de aprendizagem, para além da leitura e da escrita, fazendo da Arte/Educação uma ação estratégica.

É preciso que desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p. 23).

Portanto, a relação que se estabelece como pré-condição para a aprendizagem entre educadores e educandos em um processo de formação eficiente precisa ter como princípio orientador a capacidade de se deixar envolver, apaixonar-se e ser tocado pelos ideais do povo, das pessoas envolvidas na ação educativa. Um processo autêntico de formação se caracteriza pela sua capacidade de influenciar as educadoras e os educadores que nele estão inseridos, levando-os a sair transformados do processo. Caso contrário, pode-se concluir que o processo não alcançou seus objetivos educativos.

O esforço revolucionário de transformação radical destas estruturas não pode ter na liderança, homens *do quefazer* e, nas massas oprimidas, homens reduzidos ao puro *fazer*. Por isto na medida em que a liderança nega a práxis verdadeira aos oprimidos se esvazia, consequentemente na sua. Tende desta forma, impor sua palavra a eles, tornando-a assim, uma palavra falsa de caráter dominador. Instala, com este proceder, uma contradição entre seu modo de atuar e os objetivos que pretende ao não entender que, sem o diálogo com os oprimidos, não é possível práxis autêntica, nem para estes nem para ela. O seu que fazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da libertação (FREIRE, 1982, p. 146).

As citações apresentadas reforçam a atualidade das palavras de Paulo Freire, um homem que vivenciou plenamente o seu contexto histórico e político, engajando-se no sistema educacional brasileiro. Para aqueles que vivem a realidade dos processos sociais no país, tais como a luta social dos pescadores e pescadoras artesanais, quilombolas, agricultores familiares e “sem terra”, é evidente a necessidade de avançarmos na discussão dos métodos e das relações intelectuais e as massas. Como nos dizia Loureiro (2010, p. 13):

Cabe lembrar que o licenciamento é o instrumento por excelência de comando e controle que o Estado possui para regular as atividades produtivas e econômicas em geral, estabelecendo os limites e normas na relação público-privado. A educação ambiental, nesse escopo e enquanto condicionante de licença, torna-se um meio de exercício de participação e controle social em cada empreendimento licenciado.

Nas palavras de Loureiro, fundamentamos nossa práxis no desenvolvimento de um projeto que considera a assimetria existente nas relações entre as comunidades pesqueiras e os empreendimentos multinacionais do petróleo e gás.

Uma das dificuldades mais frequentes para precisar em que consiste especificamente a sistematização é a indefinição das fronteiras e zonas comuns entre ela, a avaliação e a pesquisa social. Sendo esta uma causa de tropeços, pode, porém, converter-se numa fonte de avanços importantes se conseguirmos encontrar algumas pistas esclarecedoras (HOLLIDAY, 2006, p. 39).

A “experiência” ou a “vivência” se constitui como categoria teórica que guia nossos estudos sobre a Arte/Educação. Portanto, nessa caminhada

metodológica, entendemos que pesquisar e coletar os sentimentos das participantes do projeto (educadoras e sujeitas), bem como dar vazão as percepções e entendimentos, é uma tarefa que está em marcha. Até esse momento, realizamos o trabalho de olhar, revisitar e recontar a experiência, visando buscar os registros do projeto e constituir um *corpus* de pesquisa.

Seguindo nosso percurso metodológico, é importante salientar que a concepção dessa pesquisa se alicerça na práxis como um processo de reflexão teórica sobre a prática, sendo, em nosso caso, as ações e as atividades de Arte/Educação no PEA-FOCO.

Destaca-se, também, que a invisibilidade das comunidades da pesca artesanal, de uma forma geral, é uma realidade da sociedade brasileira, confirmada no contexto dos impactos ambientais da exploração, da produção e do escoamento de petróleo e gás. Nesse sentido, o IBAMA, por meio do licenciamento ambiental federal da atividade, com o intuito de mitigar e compensar os impactos, direcionou as ações de Educação Ambiental como condicionantes das licenças para as comunidades pesqueiras.

Os Programas e projetos estão organizados por bacias sedimentares (PEA-BC, 2023), dessa forma, o PEA-FOCO se desenvolve na bacia de Campos com o seguinte objetivo:

Fortalecer a organização comunitária por meio do trabalho focado nas mulheres da cadeia produtiva da pesca artesanal (pescadoras, marisqueiras, descascadoras de camarão, filetadoras de peixe, caranguejeiras e etc) dos municípios de São João da Barra e São Francisco de Itabapoana, no estado do Rio de Janeiro. Promover um processo socioeducativo no espaço não formal da educação ambiental com ênfase na autogestão, recorte de gênero e geração de renda alternativa, visando à mitigação dos impactos gerados pela atividade de petróleo e gás. A realização do PEA-FOCO da Equinor Brasil para o licenciamento da atividade de produção de petróleo e gás no Campo de Peregrino, na bacia de Campos, é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal conduzido pelo IBAMA (Folder do PEA-FOCO. Relatório 12, 2016).

A opção pelas mulheres partiu da constatação da dupla invisibilidade vivenciada, seja pela condição de mulher, seja pela condição de pescadora. Nesse sentido, o processo educativo ambiental planejado tem como ponto de

partida a realidade das sujeitas, isto é, as mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal.

O foco das ações será na temática “gênero feminino” com recorte de classe social, isto é, as mulheres pobres inseridas direta ou indiretamente nas atividades identificadas com a pesca artesanal, começando pelos grupos que tem algum tipo de organização com perfil de gênero e que se articule com as comunidades pesqueiras (Plano trabalho fase 1 p. 4).

Seguindo nossa tarefa de delinear o objeto da pesquisa e recortar as ações de Arte/Educação que foram analisadas em nosso processo de sistematização, salientamos o caráter dialético desse processo, pois, enquanto objetivamos nossa práxis, contextualizamos a Arte/Educação no todo do projeto e na vida das mulheres. Assim, o debate teoria *versus* prática e sujeito *versus* objeto ganha materialidade a partir do relato sintético recheado de imagens das atividades.

2.2 A ARTE/EDUCAÇÃO NO PEA-FOCO COMO OBJETO DA PESQUISA

Em resumo: prática e teoria, sensibilidade e imaginação, pragmatismo e utopia, rigor e flexibilidade, sentido comum e ética, lucidez e paixão, são componentes indispensáveis e inseparáveis desta maneira de ser no mundo, de viver historicamente, que denominamos Concepção Metodológica Dialética, e ela é o fundamento que torna possível e dá sentido à sistematização de experiências (HOLLIDAY, 2006, p. 58).

Ao identificar as ações e mediações da Arte/Educação no PEA-FOCO começamos a (re)contar a história e definir os processos formativos que vamos sistematizar. Este item está dedicado a narrar, ainda que de forma breve, o nosso fazer. Assim, nesta seção faço a narrativa na primeira pessoa do singular e conto de forma breve o acontecido, ilustrando com imagens e registros fotográficos meu fazer de arte-educadora. Como forma de apresentar meu trabalho, preparei um *Portfólio* na forma de vídeo, que está disponível em <https://youtu.be/PY9k5ghhdtE>. No quadro abaixo, apresentamos uma síntese das atividades e dos relatórios pesquisados.

QUADRO 1 - Síntese das atividades e relatórios pesquisados.

ATIVIDADES	REFERÊNCIAS DOS RELATÓRIOS PESQUISADOS
Estêncil em camisetas	RELATÓRIO 4 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Etapas 4 e 5) - Período de referência: dezembro de 2012 a agosto de 2013. Anexo D - Relatórios descritivos e listas de presença das oficinas de estêncil – São Francisco do Itabapoana e São João da Barra
Oficina de papel reciclado e elementos de educomunicação	RELATÓRIO 6 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 2, Fase 2) - Período de referência: abril a setembro de 2014. Anexo D - Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São Francisco do Itabapoana e São João da Barra;
Dinâmicas “por onde andas” e oficina de horta vertical	RELATÓRIO 5 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 1, Fase 2) - Período de referência: setembro de 2013 a março de 2014. Anexo E - Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São João da Barra e São Francisco do Itabapoana;
Oficina de fanzine: retrospectiva das atividades do PEA-FOCO	RELATÓRIO 5 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 1, Fase 2) - Período de referência: setembro de 2013 a março de 2014. Anexo E - Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São João da Barra e São Francisco do Itabapoana;
Ações de comunicação na pandemia da COVID-19	RELATÓRIO 17 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 1, Fase 4) – Período de referência: janeiro a junho de 2020. Anexo K - Relatório ações de educomunicação. RELATÓRIO 18 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 2, Fase 4) - Período de referência: julho a dezembro de 2020. Anexo J - Relatório ações de educomunicação. RELATÓRIO 19 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 3, Fase 4) - Período de referência: janeiro a junho de 2021. Anexo J - Relatório de Arte/Educação e de educomunicação,

Fonte: Elaborado pela autora.

2.3.1 Oficinas de estêncil em camisetas

As oficinas de estêncil foram realizadas com as nove comunidades da região do norte fluminense, nos municípios de São João da Barra (SJB) e São Francisco do Itabapoana (SFI). Cerca de 200 mulheres, das nove comunidades dos dois municípios, participaram, sendo que, em cada oficina, participaram cerca de vinte a trinta mulheres.

A partir da introdução sobre a história da técnica de estêncil e da informação de que essa ferramenta poderia ser adequada à realidade de qualquer pessoa, as oficinas eram iniciadas. Então, as estampas em camisetas foram escolhidas para ministrar essas oficinas, salientando para as participantes sobre a possibilidade de aplicação do estêncil em inúmeras superfícies como paredes, lençóis, bolsas, cortinas.

Na realização das oficinas foram utilizados rolos de espuma pequeno, tinta para tecido, camisetas de malha lisa (sem estampa), jornal velho, papel cartão para moldes, estilete para corte dos moldes e placas de vidro para vazar os moldes.

Como objetivo, tive a visibilidade das mulheres como parte fundamental que constitui o projeto, além de contribuir para a construção coletiva da identidade do PEA-FOCO e das mulheres da cadeia produtiva da pesca artesanal.

FIGURA 1 - Mosaico com imagens das oficinas de estêncil em camisetas.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.3.2 Oficinas de papel reciclado com produção de vídeos

Em 23 de maio de 2014, no município de São Francisco do Itabapoana, foi realizada a oficina de papel reciclado com produção de vídeos, em que estiveram presentes 33 pessoas, sendo: dezesseis de São Francisco do Itabapoana (representantes das sei comunidades) e dezessete mulheres de São Joao da Barra (representantes das três comunidades).

A oficina foi realizada a partir da apresentação do passo a passo do processo de produção do papel reciclado, mostrando que tintas, cascas de banana e cebola, folhas de chá, canela e outros produtos poderiam ser acrescentados à mistura aromatizantes, e da exibição de diversos vídeos sobre a produção e o que poderia ser feito com os papéis reciclados.

Nesse momento também foram produzidos cartões com temas sobre os direitos básicos das mulheres, o que subsidiou a próxima etapa que foi montar um roteiro para direcionar a gravação de um vídeo ou áudio, encenando uma entrevista. Nesse roteiro, uma mulher entrevistaria a outra, realizando perguntas com os temas propostos, em uma gravação, tendo como objetivo proporcionar às participantes o exercício da fala, trabalhando as formas de elevação da voz como mecanismo de reivindicação e denúncias. A gravação foi realizada com o meu auxílio em uma sala preparada como “estúdio” e, por fim, convertida em *spots* de rádio ([ouça os spots aqui](#)).

FIGURA 2 - Mosaico com fotografias da oficina de papel reciclado.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.3.3 Dinâmica “por onde andas” e oficina de horta vertical

Nos dias 23 e 25 de novembro de 2013, foi realizada a dinâmica “Por onde andas? Qual seu caminho? Qual nosso caminho?”, com a participação de dezessete mulheres de SFI e oito de SJB.

A ideia era confeccionar um pé de gesso tendo como molde os pés das participantes. Para isso, as mulheres formaram duplas, para que uma moldasse o pé da outra em argila, preenchessem o molde com gesso e, quando seco, retirassem o excesso com estilete. O objetivo dessa atividade era construir a confiança entre elas e exercitar a força do trabalho em grupo, enquanto a reflexão esperada era pensar sobre “por onde andas?”, sobre os caminhos

percorridos ao longo do projeto, aonde elas gostariam de chegar, tornando, dessa forma, os pés confeccionados uma espécie de amuleto.

Essa dinâmica foi realizada junto com a oficina sobre como construir uma horta vertical a partir da reciclagem de garrafas PET, decorando-as com diversos tipos de materiais, como fitas coloridas e tintas. Na confecção da horta, eu e a equipe técnica dialogamos sobre a importância da alimentação saudável e da separação de lixo.

FIGURA 3 - Mosaico com fotografias da dinâmica “por onde andas?”.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

FIGURA 4 - Mosaico com imagens da oficina de hortas verticais.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.3.4 Oficina de fanzine: retrospectiva das atividades do PEA-FOCO

A oficina de fanzine: retrospectiva das atividades dos PEA-FOCO foi realizada nos dias 10 e 13 de dezembro de 2013, com doze mulheres em SJB e 24 mulheres em SFI.

Nessa oficina, tive o desafio de estimular as mulheres a criarem um informativo com a retrospectiva do ano 2013, com base nos acontecimentos do PEA-FOCO. Os fanzines se constituíram em relatos sobre as atividades desenvolvidas pelas mulheres, construídos a partir dos relatórios do projeto disponibilizados para as participantes, de onde escolhiam o que teria sido mais significativo.

Então, as participantes foram convidadas a recortar e colar em uma folha tamanho ofício os acontecimentos selecionados, produzindo uma página que originou a matriz do fanzine. O objetivo maior dessa atividade era o desenvolvimento da percepção e da capacidade de representação de figuras da arte do fanzine, estimulando a imaginação, a memória, a criatividade e a fixação da retrospectiva das atividades do ano. Possibilitou, também, a (re)criação e a apropriação dos conteúdos, das memórias e dos próprios relatórios pelas

participantes, com a intenção de retorno e conhecimento desses materiais sistematizados pela equipe, produzidos com as participantes das atividades.

FIGURA 5 - Mosaico com imagens da oficina de fanzine.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.3.5 Ações de educomunicação na pandemia do COVID-19 a partir de 2020

As ações de educomunicação foram elaboradas pela equipe do PEA-FOCO como parte da atividade de mobilização e fortalecimento de vínculos por meio das redes sociais, inseridas no cronograma de execução do projeto em razão da pandemia de doença por coronavírus 2019 (COVID-19). Para demonstrar nossa produção, no Apêndice 2 compilamos os vídeos na forma de uma lista.

Além desses exemplares, foi postada uma série de publicações informativas relacionadas aos assuntos de interesse do grupo de mulheres e aos objetivos do plano de trabalho no grupo do projeto na rede social *Facebook*. Ao final do Momento 1, foi criada uma página pública, também no *Facebook*, para veiculação de notícias relativas à pandemia e um perfil das cozinhas pedagógicas no *Instagram*.

Elaboração de *cards* informativos, vídeos artes, dinâmicas virtuais realizadas nas oficinas, dentre outras foram algumas das produções, que tiveram como objetivos manter o vínculo constituído ao longo dos anos e dar continuidade ao processo educativo de fortalecimento da organização das mulheres. Além disso, algumas ações foram pensadas para fortalecer o grupo de mulheres que fazem parte do plano de negócios das cozinhas pedagógicas, para uma construção coletiva que precisou ser adaptada para produtos individuais.

Nesse sentido, vídeos e *cards* foram confeccionados com as mulheres a partir das produções individuais, direcionados à comercialização de doces, salgados e artesanatos baseados no beneficiamento de frutos do mar nas comunidades de cada município. Dinâmicas foram adaptadas para as oficinas virtuais, onde a Arte/Educação se mostrou indispensável para alfabetização digital e para a proporcionar leveza em situações tão difíceis como foi o distanciamento físico. No Apêndice 2, a produção de material áudio visual do projeto são apresentadas e, no Apêndice 3, portfólio de produção do material gráfico é exposto.

3 O ESTÊNCIL E OS MUROS DAS COZINHAS PEDAGÓGICAS: SISTEMATIZANDO A EXPERIÊNCIA – UMA AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

Neste capítulo, a sistematização do fazer da Arte/Educação será exercitada a partir da narrativa das ações, a fim de reviver o processo didático pedagógico desenvolvido, contando e recontando a sequência dos aprendizados e atos que constituíram a pintura dos muros das cozinhas pedagógicas como um exercício de trabalho coletivo e de afirmação identitária das mulheres. Essa atividade foi escolhida pelo seu significado para o projeto e para as mulheres e os muros pintados com as silhuetas femininas se constituíram em um símbolo, um signo.

3.1 APRENDIZADOS INICIAIS: A TAREFA DE ENTENDER A ARTE/EDUCAÇÃO NO PEA-FOCO OU COMO ESTABELECEER COMUNICAÇÃO COM AS MULHERES

Ao me deparar com a tarefa de realizar oficinas com as mulheres, tive que compreender o PEA-FOCO, apreender a pedagogia desenvolvida pela coordenação do projeto e entender seus objetivos, metas e finalidades. Além disso, foi necessário conhecer a concretude da realidade das sujeitas do processo educativo, ou seja, as pessoas com quem eu iria trabalhar e com quem eu iria produzir arte e me comunicar. Aprendizados significativos entre mim, arte-educadora e as mulheres que participaram das atividades, bem como entre mim e a equipe técnica e coordenação do projeto, foram necessários para desenvolver e realizar o trabalho.

Aprendizado 1: Quem são as mulheres do PEA-FOCO?

São mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca, com idades entre vinte e oitenta anos, sendo a maioria casada ou em união estável, com filhos e netos. Ademais, são pessoas com baixa escolaridade, pouco letramento e grande conhecimento do ambiente local e das relações produtivas da pesca artesanal.

Mulheres que foram invisibilizadas em casa, no trabalho doméstico, na cadeia produtiva da pesca artesanal, pescando, beneficiando pescado, filetando, descascando camarão, catando caranguejo e ostra ou, ainda, consertando rede e colaborando com a comercialização. Além disso, essas mulheres não se reconhecem, são invisíveis para si mesmas.

As pescadoras ainda trabalham como artesãs, doceiras, salgadeiras e faxineiras, além de serem as cuidadoras da casa, mantendo a organização, higiene e todas as rotinas de funcionamento do lar e da família. Os/as doentes, as idosas e os idosos, as filhas e os filhos menores, as netas e os netos estão sob a responsabilidade dessas mulheres, garantido, dessa forma, a reprodução social da comunidade e da pesca artesanal.

No trabalho, elas não sabiam dos seus direitos de pescadoras, não se reconheciam e nem sabiam o valor do trabalho dentro da cadeia produtiva da pesca artesanal, das políticas públicas e dos direitos básicos na sociedade. Outrossim, as mulheres do PEA-FOCO se caracterizam como evangélicas de seitas neopentecostais de características machistas e misóginas.

Aprendizado 2: Onde vivem essas mulheres?

Elas vivem em comunidades costeiras em beiras de mangue, rios, lagoas e praias, lugares relativamente preservados e com boa qualidade ambiental situados nos municípios de São João da Barra e São Francisco Itabapoana em nove comunidades localizadas na região norte do estado do Rio de Janeiro: três em São João da Barra (Atafona, Açú e Quixaba) e seis em São Francisco do Itabapoana (Gargaú, Sossego, Barra do Itabapoana, Barrinha e Lagoa Feia).

Aprendizado 3: A arte urbana como expressão artística com as mulheres.

Considerando a realidade vivenciada por elas em lugares sem acesso às artes e a cultura oficial, isoladas pela pobreza e vivendo a precariedade das suas casas e comunidades, sem o acesso a direitos fundamentais, conforme relatado

nos aprendizados 1 e 2, era necessário escolher uma expressão artística que dialogasse com a realidade.

Sendo assim, escolhi a prática de Arte Urbana que utiliza materiais simples, de rápida execução e de fácil manuseio com linguagem que proporciona o processamento dos códigos visuais, facilitando a leitura e a percepção na criação de significados para o seu desenvolvimento cognitivo.

Aprendizado 4: Qual a estratégia possível para realizar as oficinas?

A partir de um conhecimento teórico, construído com a coordenação do PEA-FOCO, planejei o trabalho considerando os seguintes itens:

1. Tempo de execução, considerando a agenda do PEA-FOCO;
2. Locais de realização das oficinas;
3. Número de mulheres por oficinas;
4. Quantidade, qualidade e diversidade dos materiais a serem utilizados; e
5. Metodologia e didática.

Todo esse planejamento foi elaborado para organizar o aprendizado das mulheres de forma processual e que permitisse o trabalho coletivo e solidário.

3.2 O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DAS OFICINAS NO PROCESSO CRIATIVO DAS SUJEITAS DA AÇÃO EDUCATIVA

Ação 1- Preparando os conteúdos e organizando os materiais

Para a realização das oficinas, foi necessário preparar os conteúdos apontados pela coordenação pedagógica do PEA-FOCO. Esses materiais tratavam de questões vinculadas às mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca na forma de um temário. Essa elaboração foi desafiadora, pois o trabalho coletivo com arte, a não escolarização e o não reconhecimento da arte como

uma forma de expressão são constantes para trabalhar com comunidades tradicionais. Considerando isso, o estêncil foi a técnica escolhida.

Para contextualizar o desafio de desenvolver uma oficina de estêncil no PEA-FOCO com o conteúdo relacionado ao trabalho coletivo, é importante ressaltar que isso ocorreu no processo de entrega das Cozinhas Pedagógicas.

Em 2016 foram implementadas duas cozinhas pedagógicas em ambos os municípios, onde são oferecidos cursos de capacitação em culinária e de desenvolvimento da organização e produção coletivas, com ênfase nas temáticas da autogestão e economia solidária. Tais ações dão continuidade a demandas originadas no Plano de Compensação da Atividade Pesqueira do Bloco BM-C-47, também operado pela Equinor (PEA-FOCO – Relatório 11, Anexo E, 2016).

As cozinhas foram pensadas para o trabalho coletivo e associado e tratam-se de equipamentos de uso coletivo das participantes do PEA-FOCO estão localizadas nos municípios de São João da Barra e de São Francisco de Itabapoana e advieram da organização das mulheres da pesca artesanal já existente. Sendo as cozinhas escolhidas de forma coletiva nas comunidades e municípios. As participantes, conforme referido anteriormente, são mulheres pobres, de várias faixas etárias e de diversos tipos físicos, ou seja, algumas são de baixa estatura, outras magras ou mais gordinhas, com cabelos lisos ou crespos, são mulheres reais.

A segunda parte do desafio era um muro branco e uma infraestrutura sem identidade. Mesmo que a conquista das cozinhas pedagógicas tenha sido resultado de um processo participativo, ainda era necessário a afirmação identitária do espaço na forma de um símbolo, um signo.

Para enfrentar o desafio, a orientação do projeto apontou para o protagonismo das mulheres com o lema “Mulheres com voz e vez”. Portanto, fiz uma busca por imagens nas redes sociais e na *internet*, por meio de aplicativos e *sítes* de pesquisas, em que pude constatar a dificuldade de encontrar silhuetas que representassem mulheres simples e reais. As figuras encontradas eram estereótipos femininos e de pesca que não retratavam a realidade das mulheres do PEA-FOCO, o que me levou a desenvolver a imagem na forma de silhuetas

de várias mulheres de mão dadas que se aproximasse do biotipo das participantes do projeto (Figura 6).

FIGURA 6 - Silhueta das mulheres como molde do estêncil.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como já conhecia as mulheres, pude fazer uma representação delas através de edições em fotografias, chegando ao resultado retratado na Figura 6. A ideia estava materializada e pronta para a realização das pinturas nos muros junto com as mulheres participantes do projeto.

Após a pesquisa do conteúdo e escolha das imagens, idealizei a pintura nos muros, que são brancos, com cerca de dois metros de altura e oito metros de comprimento, o que leva a caracterizar a obra pronta como um mural.

Além da figura das mulheres, percebi ser necessária a presença das crianças, pois é uma orientação pedagógica considerar os filhos junto com as mães. A presença das crianças deveria ser qualificada e fazer parte do processo educativo, seja prevendo o seu envolvimento, seja oferecendo atividade específicas para as crianças, além da recreação e cuidados, de forma a garantir a qualidade da participação da mulher participante. Nesse sentido, criamos um molde representando as crianças e um pequeno jardim como base para as figuras.

FIGURA 7 - Silhueta das crianças para os moldes da pintura dos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por fim os, moldes são constituído pela silhueta de seis mulheres de mãos dadas, conforme Figura 6, duas silhuetas de crianças, conforme Figura 7, e de um pequeno jardim, conforme Figura 8. Uma estratégia adotada para comprometê-las e envolvê-las no processo de pintura, foi a de solicitar, como atividade preparatória da oficina, que os moldes dos pequenos jardins fossem cortados pelas participantes em suas casas. A partir dessa mobilização, as mulheres já teriam o contato com os moldes para um corte inicial do estêncil para o dia da oficina.

FIGURA 8 - Mosaico com as imagens da oficina de recorte dos moldes do pequeno jardim para a pintura dos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ação 2 – As mulheres com uma lata de tinta na mão grafitando o muro das cozinhas – uma realidade do trabalho coletivo

Na chegada da oficina, é oferecido um lanche e, logo em seguida, uma dinâmica de entrosamento para a afirmação de vínculos entre elas e a equipe técnica do projeto.

A coordenadora pedagógica do FOCO, fez a introdução ao tema do associativismo, por meio de uma exposição dialogada buscando uma conexão com o trabalho desenvolvido pelas mulheres do projeto nestes últimos cinco anos. A intenção foi desmistificar os termos associativismo e cooperativismo como algo que remete à dificuldade ou idealismo exacerbado, fazendo com que as mulheres fossem, no

passo a passo, refletindo sobre o que têm em seu fazer cotidiano do projeto é, também, um tipo de associação para o trabalho. Através de perguntas problematizadoras a coordenadora foi elaborando uma ideia conjunta de que o que elas fazem atualmente, seja participando coletivamente dos espaços públicos e/ou pensando em formas de produzir coletivamente, é um primeiro passo de organização e, ressaltou a importância da proposta de elas pintarem a frente da sede de forma coletiva e organizada. Ponderou que poderia ser até mais fácil pagar alguém para pintar a fachada, mas que o efeito não seria o mesmo na memória delas, pois assim elas poderiam sentir-se cada vez mais autoras e donas daquele lugar que ficaria com a identidade delas, do grupo (PEA-FOCO – Relatório¹¹, Anexo D, 2016).

A oficina foi dividida em dois momentos, o primeiro foi uma conversa sobre o que era trabalho coletivo, a importância de trabalhar em grupo, e a técnica do estêncil, enquanto no segundo momento foram iniciados os cortes dos moldes das silhuetas das mulheres, dos jardins e das crianças. Fitas para colar as impressões, estiletes para o corte dos moldes, vidros para usar como plataforma de corte, tintas acrílicas e latas de spray, luvas e máscaras foram os materiais necessários separados para a realização da oficina.

As mulheres realizaram as colagens das imagens impressas conforme o modelo apresentado. Então, foram feitas as colagens das folhas de papel sulfite, tamanho A4, nas cartolinas, tamanho A3, com fita crepe, para que ficassem no tamanho da pintura. Logo após, foram distribuídos estiletes e vidros para que as participantes cortassem e finalizassem os moldes na forma de estêncil.

FIGURA 9 - Mosaico com imagens das mulheres trabalhando nos moldes para a pintura dos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em conjunto, todas as mulheres ergueram o grande molde e colaram fitas crepe atrás dos moldes para fixá-los nas paredes. Em seguida, fomos para a parte de externa das cozinhas pedagógicas, em pleno sol forte, entusiasmadas para a aplicação da tinta *spray* preta. Enquanto estávamos de frente para o muro onde os moldes estavam fixados, senti um grande medo e preocupação de que as mulheres não fizessem o trabalho proposto de arte urbana. Isso, pois, a maioria das participantes não tinha acesso a esse tipo de arte e era limitadas por questões religiosas, evangélicas, neopentecostais e por terem mais de quarenta anos. Talvez eu estivesse sendo preconceituosa, mas o receio permaneceu.

Então, pude perceber o fortalecimento do grupo e a importância do trabalho coletivo dessas mulheres, que, juntas e organizadas, aplicaram a tinta

em *spray* preta sobre os muros das cozinhas pedagógicas, fixando assim suas identidades.

FIGURA 10 - Mosaico com imagens das mulheres fixando as imagens no muro.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após a retirada dos moldes dos muros, a realização do ato concreto gerou uma grande alegria. A força e a coragem estavam visíveis. Juntas, elas foram para a parte de acabamento da obra de arte, fixando também os moldes das crianças e do pequeno jardim. A escolha dos moldes das crianças foi feita em conjunto com as participantes, pois onde há mulheres, há crianças.

FIGURA 11 - Mosaico com imagens das mulheres trabalhando nas pinturas dos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao final da oficina, todas se levantaram e formaram um círculo. As mulheres compartilharam seus sentimentos na avaliação, com depoimentos sobre o processo realizado no dia, a maioria de forma positiva, sem dificuldades de realizar a pintura e o trabalho em grupo. A obra de arte nos muros foi o resultado do processo de formação das sujeitas, o que permitiu que elas se reconhecessem como criadoras do seu mundo e pudessem expressar sua voz na política, na família, na comunidade e no público.

FIGURA 12 - Mosaico com as mulheres trabalhando na pintura dos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os próximos passos seriam no dia da inauguração das cozinhas pedagógicas: a assinatura em forma de carimbos com tintas coloridas nas mãos das participantes e das parcerias do PEA-FOCO nos muros das cozinhas, ao redor das silhuetas pintadas por elas.

FIGURA 13 - Mosaico com as mulheres exibindo o resultando do trabalho nos muros.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ação 3 – A assinatura do mural e a finalização da obra de arte coletiva

FIGURA 14 - Mosaico com imagens das mulheres assinando o muro.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após a oficina com o tema do trabalho coletivo, que foi posto em prática através das pinturas no muro, também foi realizada, durante a inauguração das cozinhas pedagógicas, a dinâmica de assinatura na obra de arte e a afirmação de que aqueles espaços eram delas.

Ritual de Inauguração da Cozinha Sob a coordenação da arte educadora Jô, começou-se a dinâmica de carimbar a mão na fachada do prédio. Cabe salientar que, em momento anterior, as silhuetas de mulheres expostas na fachada da sede do projeto haviam sido pintadas com a técnica do estêncil para que no dia da inauguração das cozinhas se fizesse “marca” de cada pessoa presente. Neste momento histórico do projeto cada integrante colocou sua mão na tinta colorida e marcou-na na parede. Todos os presentes participaram, desde as crianças até os motoristas que acompanham o projeto há anos (PEA-FOCO, Relatório 11, Anexo E, 2016).

Logo após a degustação dos quitutes feitos, em sua maioria com produtos locais e frutos do mar, convidei as mulheres e demais participantes para as assinaturas identitárias artísticas no espaço conquistado por elas. A ação foi realizada com tintas coloridas guache, passadas nas mãos e carimbadas ao redor das silhuetas das mulheres e crianças representadas nos muros das cozinhas pedagogias, afirmando e fortalecendo a conquista realizada com grande sucesso pela organização e perseverança do grupo.

FIGURA 15 - Mosaico com as atividades de preparo para o carimbo das mãos.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.3 AS EMOÇÕES DA ARTE/EDUCAÇÃO E A AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO

Na avaliação de encerramento, realizei uma dinâmica para que as mulheres pudessem expressar seus sentimentos em relação às atividades realizadas ao longo do dia. Para isso, levei uma réplica de um barco de pesca artesanal e as convidei a formar um círculo. Quando cada uma estivesse com o

barco em suas mãos, falaria o que levou dentro do barco para guardar pelo resto de suas vidas.

Dessa forma começaram a falar e houve muita emoção nos depoimentos, pois consideram este momento singular nas suas vidas. Teceram elogios ao projeto e às participantes pela persistência e colaboração mútua. Abaixo apresenta-se a transcrição de algumas falas representativas do sentimento do grupo:

- *...O que eu aprendi hoje é que é possível fazer dar certo, porque cada uma ajudou um pouquinho, todas trabalharam em equipe, agora eu vi que esta cozinha vai dar certo.*
- *...Hoje eu vejo se concretizar algo que começou há cinco anos atrás quando ela começou a participar do projeto e naquela época não se sabia bem onde iríamos chegar.*
- *...é importante a gente manter a chama acesa, não deixar desanimar pois estamos no início ainda.*
- *...Foi cansativo, ficamos dois dias aqui nesta cozinha mas foi muito gratificante, me sinto muito feliz.*
- *...O trabalho em grupo exige humildade, paciência, uma aprende com a outra.*
- *...A caminhada e o apoio técnico faz muita diferença para acontecer um dia como o de hoje.*
- *...A experiência e o aprendizado de trabalhar em grupo e se organizar é muito importante.*
- *...A cozinha é resultado da nossa organização. Agora é daqui pra frente.*
- *...A perseverança, a união e a ação fez com que acontecesse este encontro de hoje.*
- *...Espero que esta crise que está aí neste mundo não venha nos atingir...que 2017 seja tudo melhor.*
- *...A gente mostrou hoje como estamos fortes e unidas.*
- *...Eu aprendi muito com vocês, é como se fosse uma família.*
- *...Muitas vezes me chamaram e eu não queria vir, agora quero muito continuar com vocês.*
- *...Hoje pudemos ver o resultado do nosso trabalho de um jeito bonito, com união e com lindas comidas (PEA-FOCO - Relatório 11, Anexo E, 2016).*

Os depoimentos das mulheres participantes foram significativos e contribuíram para o entendimento de que o objetivo da construção do trabalho coletivo e da afirmação da identidade enquanto grupo estava sendo alcançado a partir do papel fundamental da Arte/Educação. A pintura final do muro com as silhuetas e o carimbo de participação pode ser observada na Figura 16.

Posteriormente, a oficina foi finalizada com uma fotografia de todos os envolvidos no processo de construção do mural das cozinhas pedagógicas do PEA-FOCO, conforme Figura 17.

FIGURA 16 - Imagem do muro com a pintura finalizada.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

FIGURA 17 - Fotografia do grupo ao final do evento de entrega das cozinhas pedagógicas.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.4 A ARTE/EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA DO PEA-FOCO

O PEA-FOCO, em sua proposta metodológica, se coloca como uma ação de Educação Popular, visando a formação de lideranças que se compreendam como sujeitas de direitos, com voz e vez na vida comunitária e com cidadania. Sendo assim, o desafio paradoxal a ser pedagogicamente enfrentado é trabalhar com pessoas que não têm o exercício pleno de sua cidadania, que estão invisíveis para o Estado e para as políticas públicas em geral.

Nesse enfrentamento, a aposta pedagógica na Arte/Educação se constitui, desenvolvida nos processos formativos das educadoras populares, na forma de oficina de arte ou dinâmicas corporais com linguagens artísticas. Com a finalidade de afirmações identitárias e constituição de sujeitas com capacidade crítica de intervenção. Dessa forma, desde o início, a Arte/Educação esteve presente nas agendas e atividades.

Estas oficinas foram abertas à comunidade e as educadoras populares; juntas, elas confeccionaram bolsas e camisetas com motivações diversas: algumas voltadas às lutas socioambientais, outras religiosas,

familiares, autorretrato, etc. Esse tipo de atividade serve também para avaliarmos nossa atuação através da resposta delas na expressão artística, isto é temos a oportunidade de ver como o conteúdo que oferecemos tem sido apreendido por elas. De forma geral, avaliamos o resultado como satisfatório, pois várias mulheres trabalharam com motivações sociais e ambientais nas bolsas e camisetas (PEREIRA, 2013, p. 8).

Na análise pedagógica dos resultados do projeto, percebe-se a centralidade da expressão artística para comunicar os resultados da aprendizagem e permitir que as sujeitas se expressem de forma horizontal e direta, sem necessidade de interpretação. Além disso, questiona-se a práxis como categoria fundamental da ação educativa.

Quais as soluções que elas constroem para sobreviver neste mundo impactado pelo desenvolvimento capitalista? Como se mantêm, como se fortalecem na identidade de mulher inserida na cadeia produtiva da pesca? Estes são questionamentos fundamentais da nossa prática profissional.

Para exemplificar essa postura pedagógica citamos o processo que permeou a educomunicação no projeto. As entrevistas, os conteúdos, as gravações, cumpriram um papel de instrumento de aprendizagem. Várias habilidades foram desenvolvidas ao longo das atividades: desenvoltura, expressão e linguagem em público, auto estima ao vislumbrar a própria imagem, ao ouvir a própria voz. A consciência crítica também foi desenvolvida, pois ao tratar os conteúdos que eram ao mesmo tempo teóricos e práticos - porque fazem parte do cotidiano das comunidades - elas tiveram que pensar e repensar sobre o assunto, tiveram que reelaborar (PEREIRA, 2014, p. 6).

Na continuidade na análise pedagógica dos resultados de aprendizagens das sujeitas do processo educativo, Pereira (2014) utiliza a síntese freireana para discutir o processo de aprendizagem como um processo humanizador.

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no

processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende. Para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer (FREIRE, 1983 *apud* PEREIRA, 2014, p. 5).

Compreendemos que a aprendizagem das mulheres, sujeitas da ação educativa, ocorre através de vivências e experimentações estéticas, que buscam tocar os sentidos humanos e o movimento do corpo. No caso do PEA-FOCO, trabalhamos na forma lúdica, buscando a alegria e o prazer na descoberta de novos conhecimentos e na promoção do autoconhecimento. Essa intencionalidade da educadora deve ser materializada por meio de um planejamento didático para cada oficina e curso, com início, meio e fim.

Por fim, em relação à didática, o PEA FOCO realiza suas oficinas e reuniões contando com momentos de interação das participantes através de dinâmicas que proporcionam uma aprendizagem tanto afetiva quanto cognitiva, onde o corpo inteiro é importante. Não basta apreender apenas de forma abstrata (com a cabeça) mas sim, vivenciando algumas ações através de gestos, de situações onde buscamos ver as coisas de outros ângulos; como por exemplo, nos utilizando de vendas nos olhos, aguçando a memória e os demais sentidos, ouvindo música, dançando, cantando, etc (PEREIRA, 2014, p. 7).

O trabalho manual é parte fundamental na vida das pescadoras, uma vez que elas manuseiam apetrechos de pesca, utensílios de cozinha, camarões, peixes, entre outros objetos. Contudo, mobilidade dessas mulheres em seu território é limitada, restrita à sua comunidade ou município. Para exemplificar essa questão, é possível analisar a atividade de Arte/Educação mencionada anteriormente, na qual utilizamos as esculturas de gesso na oficina “Por onde andas?”.

As reuniões deste semestre trabalharam com muitas dinâmicas e oficinas, uma delas foi intitulada “Por onde andas?”. Tal encontro foi um trabalho com gesso em que as mulheres, em duplas, moldavam o

pé da outra, criando um vínculo de cordialidade e cumplicidade. Depois, cada uma teve o seu pé em gesso, e a intenção era transformar este numa espécie de amuleto. Por onde ele andasse deveria ser fotografado ou pelo menos registrado de alguma forma. Numa outra ocasião cada uma contaria por onde “seu pé de gesso” andou. Outro aspecto abordado pela dinâmica buscou fazer a pergunta filosófica de “por onde andamos”? Confrontando com outras perguntas: “por onde queremos andar? Qual nosso caminho conjuntamente?”. Houve um momento em que juntamos todos os pés para dar sentido de caminhada coletiva (PEREIRA, 2014a, p. 13).

A Arte/Educação, portanto, possui um caráter transversal na agenda do projeto, permeando os eventos e ações e utilizando expressões artísticas que promovem a educação dos sentidos e estimulam reflexões e conexões cognitivas sobre os conteúdos desenvolvidos nos processos formativos.

As atividades que envolvem a Arte/Educação e a educomunicação são transversais ao processo; além de estarem presentes nas mobilizações, convites e cartazes, são utilizadas ainda na didática de algumas reuniões. Por exemplo, na reunião das EDU POP² de dezembro de 2013 foi realizado um trabalho de Fanzine, uma técnica que se utiliza de imagens, colagens e fotocópias. A ideia era de demonstrar como elas podem fazer informativos com poucos recursos técnicos: uma tesoura, jornais e revistas usadas, papel e cola. Depois, é só fotocopiar. Esse método se utilizou muito na década de oitenta nos movimentos populares, como associações de moradores, comissões de defesas de vilas, etc (PEREIRA, 2014a, p. 14).

² EDU POP, no PEA-FOCO, significa Educadoras Populares.

4 A ARTE/EDUCAÇÃO E O PEA-FOCO: ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA

Este capítulo apresenta a nossa “experivivência” de Arte-Educadora Ambiental, em diálogo com a perspectiva de Ana Mae Barbosa e com os teóricos da Educação Ambiental Crítica. Em um primeiro momento, descreveremos a trajetória da autora e buscaremos compreendê-la. Em seguida, relatamos o processo que nomeamos como “encontro das águas”, onde, em meio a um mar revolto, encontrei-me como arte/educadora e fui iluminada pela luz de Farol representada por Ana Mae Barbosa.

4.1 QUEM É ANA MAE BARBOSA?

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa é uma arte-educadora e pesquisadora, pioneira da Proposta Triangular, com uma trajetória peculiar e única. Ela nasceu em 17 de julho de 1936 no Rio de Janeiro e graduou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco em 1960.

Em 1974, ela finalizou seu mestrado em *Art Education* na Southern Connecticut State College e, quatro anos mais tarde, concluiu seu doutoramento na área de *Humanaistic Education* na Boston University, tornando-se a primeira mulher a ter um doutorado em Arte/Educação no Brasil.

Como aluna de Paulo Freire, ela teve a oportunidade de mudar sua visão de Arte/Educação e se tornar uma influência transformadora na área, sendo considerada, ao longo de sua carreira, referência nacional no ensino de arte.

FIGURA 18 - Ana Mae Tavares Barbosa.



Fonte: Currículo Lattes. <http://lattes.cnpq.br/1650414096296319>

Atualmente, Ana Mae é professora emérita da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Anhembí Morumbi. Sua trajetória, enquanto intelectual e ativista, é centrada em Arte/Educação, trabalhando com temas de como Ensino da Arte e Contextos Metodológicos, História do Ensino da Arte e do Desenho, Ensino do Design, Administração de Arte, Interculturalidade, Pedagogia Visual, Estudos de Museus de Arte, Mediação Cultural e Estudos Visuais. Além disso, ela atua como Vice-Coordenadora do Grupo de Estudos e pesquisas em Arte/Educação Borrando Fronteiras (GEPABOF) e é membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE).

Durante sua trajetória em Arte/Educação cruzou seu caminho com Paulo Freire, tornando-se grandes amigos após participar de um curso de preparação para professores primários ministrado e organizado por ele. A partir desse momento, a concepção libertária de educação de Freire se torna referência fundamental para a teoria e a práxis pedagógica de Barbosa.” (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

Em 1972, após concluir seu mestrado em *Art Education* nos Estados Unidos, ela ministra aulas na Universidade Federal de São Paulo e, logo em seguida, publica seu primeiro livro, intitulado “Teoria e prática da educação artística”.

Sua obra é voltada para a teoria do ensino e a história da arte. Barbosa é responsável pela sistematização da abordagem triangular da arte-educação, que constitui uma das bases conceituais de parâmetros curriculares de ensino de artes no Brasil (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

Neste ponto, podemos observar que a teoria de Ana Mae Barbosa é aplicada de forma prática por meio das aulas de ensino de arte nas escolas. Em seus estudos, nossa autora cunha o termo “experivivência” para sintetizar a práxis da Arte/Educação. Como pode-se notar,

Em 1986, é designada para a direção do Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP), onde desenvolve na prática os conceitos de sua abordagem triangular da arte-educação. Essa perspectiva consiste em três pilares integrados e indissociáveis: (1) a leitura crítica da obra; (2) a contextualização histórica da obra; e (3) o fazer artístico do educando (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

Sua sistematização da abordagem triangular da arte-educação democratiza o acesso e a compreensão de práticas pedagógicas complexas. Sua prática e sua teoria seguem como referências na elaboração de políticas públicas e na construção de currículos desde o ensino primário até a pós-graduação (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

Nesse sentido, em 1986, Ana Mae propôs a reformulação curricular da educação básica, extinguindo a disciplina de Educação Artística e inserindo o ensino de arte no currículo. Ela acreditava que o ensino de arte não deveria limitar-se a uma disciplina com conteúdos e aprendizados de técnicas, mas que deveria proporcionar experiências e vivências em diversas expressões artísticas.

Para isso, Barbosa desenvolveu o Método Triangular, o que mais tarde foi transformado na Abordagem Triangular, uma adequação à realidade brasileira. , seja nas escolas, na educação popular ou nos espaços de fruição ou produção cultural, ou seja, não foi trazida e sim sistematizada por Ana Mae no Brasil. Existem vários títulos e apropriações sobre a Proposta Triangular por professores em outras disciplinas, tais como Proposta Triangular, Abordagem Triangular e Metodologia Triangular. Nesse sentido, o ensino da arte é contextualizado pela leitura de mundo dos educadores e educandos em conexão com o mundo. No campo da Educação Popular, a leitura de mundo oferece ao

processo educativo os conteúdos a serem apreendidos e significados para o processo de conscientização.

4.2 ENCONTRO DAS ÁGUAS: A EXPERIVIVÊNCIA DA ABORDAGEM TRIANGULAR NAS OFICINAS DO PEA-FOCO.

O reconhecimento do nosso contato com a obra de Ana Mae como um “encontro de águas” não é um sentimento isolado e único. Arriaga (BARBOSA, 2014, p. XII), por exemplo, compartilha o mesmo sentimento ao deparar-se com as obras de Ana Mae Barbosa:

a imagem que me vem à cabeça é a de uma navegante capaz de aventurar-se pelos mares mais desconhecidos... Seu trabalho em favor daqueles que seu amado Freire chamava os oprimidos e seu empenho na restituição dos menos afortunados são constantes em seu navegar pelas águas às vezes turvas da educação.

Temos o mesmo horizonte: o de desenvolver uma educação crítica e libertadora através das ondas da Arte/Educação, com mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal.

Barbosa tinha como embarcação na sua navegação pelas “águas as vezes turvas da educação” a Abordagem Triangular que foi desenvolvida como forma de ensinar por meio da arte. Seu método consiste em três eixos: contextualização; apreciação/fruição; e produção. Dessa forma, Barbosa (2014) afirma que:

O fazer de arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objetivo. Quando falo de contextualização não me refiro à mania vulgar de falar da vida do artista. Esta interessa apenas quando interfere na obra (p. 33).

O trabalho como Arte/Educadora busca promover a transformação e o fortalecimento das mulheres inseridas na cadeia da produtiva da pesca artesanal pelas lentes das artes. O exercício de sistematização descrito no item 3 dessa dissertação, como as oficinas de estêncil em camisetas, oficinas de papel

reciclado com produção de vídeos e dinâmica “por ande andas”, de horta vertical, de fanzine, de estêncil e pintura dos muros, além das ações de educomunicação na pandemia da COVID-19 a partir de 2020. Todas essas experiências que cito me proporcionaram experiências significativas que demonstraram a potência da abordagem triangular no ensino da arte e na constituição do processo transformador das mulheres do PEA FOCO.

Cada atividade desenvolvida mostrou a importância do ensino da arte como um processo de constituição das sujeitas que reconhecem seus valores ao olhar o fazer de mulheres da pesca artesanal. Contextualizar o mundo das pescadoras por meio de figuras, de esculturas, produzir narrativas em fanzines e colagens, e a produção esculturas de pés femininos, mostrou que as estantes de casas humildes passam a ser espaços de fruição da expressão das pescadoras, que antes eram desconsideradas, tanto pela sociedade e por si mesmas. Essas atividades refletiram na autoestima das mulheres, que reforçadas pela arte de se autoafirmar.

4.2.1 A pintura dos muros como uma experiência transformadora³: afirmação identitária e os muros das cozinhas pedagógicas

Logo após minha graduação em Artes Visuais Licenciatura, comecei a minha trajetória no PEA FOCO, em 2013, realizando atividades/dinâmicas em cursos de formação das Educadoras Populares, na região do norte fluminense do Rio de Janeiro. O desenvolvimento do meu trabalho ainda aborda atividades de interação, descontração e avaliação, como, por exemplo, o modo lúdico de se apresentar.

Em algumas oficinas, abordei as apresentações através de esculturas em argila para conhecermos todas e contar, a partir da expressão artística, quem são, de onde vieram e do que vivem. As mulheres faziam esculturas de barcos, peixes, redes e mulheres sentadas em roda, limpando camarão. A partir da própria identificação e partindo do concreto, as oficinas foram realizadas

³ Experiência descrita e sistematizada no capítulo 4 desta dissertação.

buscando, também, valorizar o trabalho da mulher nas comunidades e sua importância como parte da cadeia produtiva da pesca artesanal, bem como fortalecer o grupo, buscando atuação nos espaços de gestão ambiental pública.

Nas avaliações, como ainda fazemos, sempre pensamos em algo que elas possam se expressar de modo lúdico, pois a vida dessas mulheres é de extrema vulnerabilidade dentro da sociedade, e percebemos que, através de brincadeiras pedagogicamente direcionadas e de trabalhos artísticos, elas conseguem abordar assuntos tristes de um modo leve, contribuindo, assim, para a construção identitária do grupo.

Essa atividade foi escolhida para servir de apoio à teorização não por acaso. As cozinhas pedagógicas foram conquistadas a partir do trabalho coletivo e das mulheres organizadas em torno de uma Associação de Mulheres do PEA FOCO, que conseguiram através do Plano de Compensação da Atividade Pesqueira (PCAP), decorrente da exploração por meio de pesquisa sísmica e perfuração exploratória do Bloco BM-C-47, também operado pela Equinor (PEA FOCO, 2016). Tal atividade gera um aumento das áreas de exclusão de pesca, impactando de forma direta e indireta as/os pescadoras/pescadores artesanais. O caso que estudamos trata de um plano de compensação desenvolvido por intermédio de um processo Educativo Ambiental ancorado na Arte/Educação.

O plano de compensação proposto pelo IBAMA exigia uma metodologia participativa e que o produto desse processo fosse um bem coletivo a ser utilizado pela comunidade. O resultado foi a construção das cozinhas pedagógicas e a necessidade de consolidar processos coletivos de produção de alimentos, com enfoque na autogestão e elementos da economia solidária. Isso fortaleceu e incentivou as mulheres a se organizarem, visto que tiveram um resultado concreto. Sendo assim, essa conquista não é apenas um espaço de trabalho, mas também um espaço pedagógico de fortalecimento comunitário, em busca de uma transformação social que tem como horizonte a luta por seus direitos e visibilidade para essas mulheres. E, como visto nas ações descritas, culminou na afirmação identitária e em uma experivivência transformadora.

No entanto, apesar desse impulsionamento, que aconteceu com processo de eleição de duas cozinhas pedagógicas como escolha delas para a compensação, percebeu-se que o trabalho estava apenas começando. Por isso a importância da afirmação da identidade dessas mulheres nos muros desses espaços. A intenção pedagógica foi de que elas compreendessem que estes eram espaços delas e que isso acarreta responsabilidades. A Arte/Educação tem se perpetuado como transversalidade na construção de sentidos, significados e desenvolvimento do sensível com as mulheres da pesca artesanal e das cozinhas pedagógicas. Atualmente, elas têm grupos de produção e continuam se qualificando tecnicamente para dar valor ao produto da pesca artesanal, buscar certificações e reconhecimento.

Para explicar a diferença entre o PCAP e o Projeto de Educação Ambiental (PEA), é importante destacar que o primeiro tem um caráter pontual, enquanto o PEA possui uma característica mais processual de médio a longo prazo. Ainda na perspectiva de explicar o PCAP, este tem um caráter pontual, enquanto o PEA (Projeto de Educação Ambiental) possui uma característica mais processual de médio a longo prazo. Dessa forma, a interface dos dois tornou possível a consolidação do trabalho de afirmação da própria identidade enquanto grupo de mulheres.

Por fim, percebe-se que a solidariedade, o coletivo e o trabalho associado com vistas ao desenvolvimento humano, à alimentação saudável e à segurança alimentar se constituem como premissas das cozinhas pedagógicas.

4.2.2 A abordagem triangular transformando muros e vidas

A pintura nos muros foi realizada a partir da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, utilizando o contexto daquelas cozinhas com os muros em branco, pensado e discutido sobre a identidade do espaço conquistado por elas. Nossa atividade abriu a possibilidade de criarem uma obra de arte identitária coletiva e, ao mesmo tempo, individual. Destaca-se que a

criação coletiva contribui para o fortalecimento dos vínculos entre elas e delas com o espaço através da arte urbana utilizada – o estêncil.

Conforme descrito na sistematização realizada no capítulo 3, o processo foi desenvolvido em diversos momentos que consolidaram a produção e foram desenvolvidos de forma dialógica mediadas por linguagens predominantemente imagéticas e simbólicas, ratificando que muitas mulheres não dominam o código da escrita e leitura de texto. Dessa forma, as exposições dialogam com imagens sobre arte urbana e todo o processo criativo em conjunto foi feito com muito diálogo resultando na escolha das diferentes mulheres caminhando de mãos dadas. A produção artística está expressada na criação da obra de arte nos muros, utilizando a pintura em estêncil com *spray* e assinaturas com as mãos pintadas de tinta guache. Esse processo de “contextualização, ler-apreciar e produzir” consolida a Abordagem Triangular, pois partiu da realidade concreta das mulheres, de forma dialógica, construindo as bases de leitura da sua realidade e da criação artística, que resultou na obra mural coletiva e identitária. Para demonstrar, de forma gráfica e multidimensional, esse processo de alta complexidade, adaptamos a Figura 19 que apresento a seguir no item 4.4. *O PEA FOCO como uma experivivência da Abordagem Triangular na Arte/Educação Ambiental.*

Mesmo que essa experivivência seja na área da Educação Ambiental não formal, que segue a linha da Educação Popular, ainda assim conecta-se às bases curriculares, pois, de acordo com o Parâmetro Curricular Nacional - PCN (BRASIL, 1997), existem três eixos norteadores: produção, a fruição e a reflexão. A produção trata-se do fazer artístico da e do estudante e das e dos produtores sociais de arte, enquanto a fruição refere-se à apreciação significativa de arte das e dos estudantes e da produção histórico-social em sua diversidade. Por fim, a reflexão concerne à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal das e dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada da cidadã e do cidadão. Sendo assim, Ana Mae (2010), reforça esse pensamento:

A Abordagem Triangular é uma abordagem dialógica. A imagem do Triângulo abre caminhos para o professor na sua prática docente. Ele pode fazer suas escolhas metodológicas, é permitido mudanças e adequações, não é um modelo fechado, que não aceita alterações. Não é necessário seguir um passo a passo. (...) refere-se à uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto” (p. 10).

Dessa forma, a arte/educação torna-se o conteúdo e o método ao mesmo tempo no projeto de Educação Ambiental, visando ao fortalecimento da organização comunitária. “A *Abordagem Triangular* corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo para o que se aprende” (BARBOSA, 2010, p. 27), construída coletivamente, de várias maneiras e contextualizada, atuando na reflexão do fazer, do criar e para que foi criado e sendo proposital e significativa, não desenvolvendo o fazer por fazer. A Arte é essencial para mudanças sociais em todas as camadas da sociedade, não só para apreciação, mas como um movimento de identidade, denúncia, expressões de ideias e conceitos, e tantas outras potencialidades.

Barbosa (2010) inclusive critica métodos triangulares utilizados por professores como cópia fiel, sem reflexões sobre o método, preferindo a autora usar a expressão “abordagem”, na tentativa de estabelecer a oposição paradigmática ao “método” como uma receita culinária. Isto é, a expressão “Abordagem Triangular” busca o conhecimento crítico das sujeitas do processo educativo e do educador, tal qual realizado nesse trabalho. Essa abordagem proporcionou, à arte/educadora a liberdade para desenvolver o processo criativo, abrangente, enfatizando o contexto e estabelecendo as conexões com o mundo concreto e objetivo das mulheres da pesca artesanal.

Portanto, a grande contribuição das sínteses de Ana Mae Barbosa, por intermédio de suas pesquisas e reflexões teóricas, ofereceu às arte/educadoras as condições para desenvolver um campo teórico para organizar o conhecimento e o fazer no ensino-aprendizagem das artes.

4.4 O PEA FOCO COMO UMA EXPERIVIVÊNCIA DA ABORDAGEM TRIANGULAR NA ARTE/EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Antes de continuar navegando precisamos estabelecer um entendimento sobre a relação entre experiência e vivência. Nesse sentido, buscamos auxílio em Freire.

Experiência é para o pensamento freiriano mais que uma categoria de análise. Foi documentando e relatando suas experiências em educação que Freire produziu sua obra e imprimiu nela sua profunda convicção de que "a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo" Ler e escrever, para Freire, são práticas e experiências que ocorrem num mesmo tempo porque entende que o "ato de conhecer" ocorre em tempos e espaços indissociáveis do saber (FREIRE, 1970 apud MOLINA, 2010, p. 172)

Salienta-se que a vivência é a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo ao seu redor, a partir de sua experiência concreta, sendo influenciada por fatores como cultura, classe social, religião, entre outros. Além disso, a partir dela o indivíduo constrói seu conhecimento e sua visão de mundo, não sendo apenas uma questão individual, mas também social e histórica, uma vez que está inserida em um contexto coletivo e histórico que influenciam a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo. Dessa forma, a educação deve considerar as vivências dos indivíduos, buscando valorizar sua cultura e sua história, e ajudando-os a compreender como sua vivência se relaciona com o contexto social mais amplo.

Ademais, Ana Mae Barbosa diz que a arte/educação deve levar em consideração as vivências e experiências das sujeitas da ação educativa, valorizando sua cultura e sua subjetividade, além de ajudá-las a desenvolver sua sensibilidade e criatividade, tornando, assim, a vivência um elemento essencial para o processo de aprendizagem em arte e para o desenvolvimento humano como um todo.

Sendo assim, para a elaboração desta dissertação, a expressão "experivivenciar" é utilizada como uma ideia que articula a experiência e a

vivência, o individual e o coletivo como fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem no contexto da arte/educação ambiental.

Seguindo as rotas de navegação desenhadas e estabelecidas, as reflexões a respeito da experivivência da pintura dos muros das cozinhas pedagógicas do PEA FOCO são apresentadas. Os três pilares contextualização/produzir/ler-apreciar/fruir são inseparáveis, embora compostos por substâncias diferentes, que requerem atividades com didática e estratégias diferentes. Salienta-se que não é possível separá-las, mas entendê-las como elementos intrínsecos do processo de ensino-aprendizagem.

A Figura 19, portanto, é a síntese da complexidade estabelecida e desenvolvida neste trabalho. O primeiro movimento se caracteriza pela contextualização histórica e conjuntural da vida das mulheres e suas atividades diárias, representado pelo triângulo laranja “Contextualizar”. O segundo movimento é a apreciação ou leitura artística/fruição, retratado pelo triângulo azul “Ler-Apreciação”. Por fim, o terceiro movimento é o fazer artístico, a produção da obra de arte, realizada com muitos diálogos e rodas de conversas entre as participantes, simbolizado pelo triângulo marrom “Produzir”.

Ademais, destaca-se que o triângulo central representa a interação das participantes na realização das pinturas nos muros, utilizando o contexto daqueles espaços com os muros em branco, numa abordagem triangular. Cada imagem componente da Figura 19 expressa a consolidação da Abordagem Triangular construída com as mulheres do PEA FOCO.

FIGURA 19 - Modelo adaptado da abordagem triangular.



Fonte: Elaboração própria.

A minha experivência com a pintura do muro das cozinhas pedagógicas está sintetizada na Figura 19. Onde o primeiro eixo ou pilar dessa abordagem (Eixo I - Contextualizar) foi pensado e discutido com relação à identidade do espaço conquistado por elas e a possibilidade de criar uma obra de arte identitária que pudesse fortalecer os vínculos entre elas e delas com o espaço através da arte urbana utilizada (estêncil). O processo de construção dessa identidade pode ser visualizado na Figura 19 a partir da imagem da mulher com a rede de pesca e na frase “Mulheres com Voz e Vez”, bem como a partir da imagem da logo do PEA FOCO que expressa a organização e fortalecimento das mulheres a partir da educação ambiental crítica.

O segundo eixo do triângulo (Eixo II – Ler e Apreciar) está relacionado à leitura e apreciação da arte. Nessa parte do processo, dedicou-se à escolha da imagem de forma dialogada e expositiva, por meio de imagens sobre arte urbana, surgindo, durante isso, a representação das diferentes silhuetas de mulheres caminhando, que pode ser observada como componente da Figura 19.

Na descrição metodológica do Eixo II, são incluídos elementos de pré-produção e da ação das mulheres, representados nas Ações 1 e 2, respectivamente.. As ações de contextualização (Eixo I) foram realizadas através de exposições dialogadas e rodas de conversa, que permitiram a

incorporação de elementos. como trabalho coletivo e arte urbana dentro do escopo da pré-produção da atividade proposta. Esses aspectos podem ser observados nas imagens que compõem a Figura 19, como a roda de conversa, os recortes de estêncil, as silhuetas e a imagem “Mulheres com Voz e Vez”.

No horizonte pode-se vislumbrar que a Abordagem Triangular não é linear, sua forma se molda pelas ondas do mar da Arte/Educação, a partir do contexto vivido pelas mulheres da ação educativa, em constante diálogo entre os eixos da contextualização e ler/apreciar da Abordagem Triangular.

Por fim, o Eixo III (Produzir) da Abordagem Triangular corresponde à criação e finalização da obra de arte nos muros da cozinha pedagógica. Nesse sentido, a *Ação 3 – A assinatura do mural e a finalização da obra de arte coletiva* representa esse processo de produção. Essa ação está descrita mais detalhadamente dentro do item 4, intitulado “O estêncil e os muros das cozinhas pedagógicas: sistematizando a experiência – uma afirmação identitária”. Seguindo, portanto, o fluxo da abordagem de Barbosa, os processos pedagógicos que ocorrem nas ações 2 e 3 se mesclam dentro do Eixo III, culminando na finalização do processo criativo e prático materializado na imagem produzida no muro das cozinhas pedagógicas. Nesse momento, abre-se espaço para a leitura e apreciação da obra, bem como para a finalização dos acabamentos e assinaturas com as mãos nos muros, confluindo, assim, nessa experivivência.

4.5 A PANDEMIA DA COVID-19 E O MUNDO VIRTUAL

A Pandemia da COVID-19, trouxe consigo um novo desafio: como trabalhar o mundo virtual com as sujeitas? depara responder essa pergunta, foi necessário estudar e investigar metodologias e técnicas que levaram a uma adaptação metodológica. Nesse movimento adaptativo, a Arte/Educação ganhou novamente centralidade na pedagogia do PEA-FOCO.

A adequação metodológica ao momento pandêmico e o distanciamento físico deu protagonismo ao trabalho nas redes sociais

e ao processo de inclusão digital. Nesse sentido, a produção de conteúdo na forma de material didático e outras peças de comunicação fez das artes visuais um campo fértil para a Arte/Educação (PEA-FOCO, 2021).

Os processos de comunicação com as mulheres passaram a ser mediados pelas redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens. Para isso, foram produzidos *cards*, vídeos e outros materiais audiovisuais adequados para veiculação em plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *WhatsApp*. Contudo, o grande desafio foi promover a aprendizagem do manuseio de aplicativos para reuniões e encontros virtuais.

Foram produzidos três vídeos convites para a live entrevista: Senta que Lá Vem História, com a equipe técnica da TRANS FOR MAR: Clara, Joezele e Virginia, contando a história do PEA-FOCO. Esses vídeos serviram também para tirar dúvidas e relembrar a importância da participação das mulheres. Também foi explicado como funciona o link para a reunião virtual (PEREIRA, 2021, p. 5).

Mais uma vez o cotidiano e o fortalecimento de vínculos com as mulheres foram importantes para manter os rumos e as participantes ativas no processo.

Neste sentido, salienta-se que o diálogo com as participantes do curso, durante a mobilização e fortalecimento de vínculo, atravessam temas do cotidiano abrangendo questões sobre a realidade na pesca artesanal e dificuldades de geração de renda. Neste período da pandemia, acompanhamos situações de saúde e buscamos conhecer mais sobre a realidade nas comunidades. Observa-se também, que as ações de Arte/Educação têm alcançado as famílias com o envolvimento nas reflexões sobre os temas abordados e ainda na interação e compartilhamento dos conteúdos. Exemplo: registra-se durante as oficinas a participação de jovens e familiares junto com as mulheres, e nos relatos das mulheres, a realização dos exercícios junto com seus companheiros, filhos e filhas. Também, houve relato sobre o impacto do vídeo das trabalhadoras da pesca, alusivo ao 1º de maio, em que os familiares se manifestaram surpresos com a quantidade de mulheres na cadeia produtiva da pesca (PEREIRA, 2021, p. 44).

Nossa jornada pelo mundo virtual, pode ser acompanhada nas páginas do PEA-FOCO na Pandemia⁴ no *Facebook*, no canal do projeto no *YouTube* e

⁴ <https://www.facebook.com/peafoconapandemia>
<https://www.youtube.com/channel/UCSmpjyyU71NjbSbLcCs9uvA>
<https://www.instagram.com/cozinhaspedagogicas/>

na página das Cozinhas Pedagógicas no *Instagram*. Nessas plataformas, é possível acompanhar toda a produção de material audiovisual e educacional para as oficinas e cursos. Além disso, cabe salientar que essa transição não afeta a premissa do entendimento pedagógico da Arte/Educação.

O PEA FOCO valoriza a Arte/Educação, assim busca-se novas propostas metodológicas de inclusão digital que façam a diferença na vida das mulheres através de atividades onde elas tenham o prazer de aprender além de construir o conhecimento de algo que as ajude a vencer as dificuldades do seu cotidiano de mulheres da pesca. Desta forma pode-se dizer que a Arte/Educação é uma forma de mudar a maneira de ser e de aprender, possibilita o humano ser diferente e fazer a diferença nessa na sociedade.

Acredita-se que a Arte/Educação é essencial ao desenvolvimento da educação ambiental crítica e emancipatória com grupos sociais formado por pessoas que não sabem decifrar o código escrito, por meio de uma metodologia que valoriza outros aspectos do intelecto, que avança para além da leitura e da escrita e utiliza a linguagem da expressão artística e popular nas práticas educativas para que se possa romper a lógica do pragmatismo na educação e ao mesmo tempo continuar a transição de novas estratégias educacionais para que ocorra uma transformação social (PEA-FOCO, 2021, , p. 3).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relembrar e sistematizar minha trajetória de dez anos trabalhando com Arte Educação Ambiental no Projeto PEA-FOCO, pude perceber a importância da arte em espaços não formais e confirmar que é possível ter resultados visíveis e concretos de transformação nas vidas das mulheres que fazem parte da cadeia produtiva da pesca artesanal. A troca existente nesse processo educativo é enriquecedora não para a vida dessas mulheres, mas também para a minha.

Trabalhar com pessoas de pouco letramento e pouca escolaridade em comunidades pobres com pouco acesso às políticas públicas foi e continua sendo um desafio para as educadoras ambientais. Por isso, sistematização foi crucial para abordar as estratégias didáticas que se expressam na Arte/Educação, na Educação Ambiental e na Educação Popular, no processo de ensino-aprendizagem que justificaram este projeto.

Ao expor minhas experiências posso afirmar que, a partir de atividades de Arte/Educação que atuam com a realidade das pessoas, em especial as mulheres do PEA-FOCO, pode-se contribuir com a construção da visibilidade delas dentro da cadeia produtiva da pesca artesanal, o que se conecta diretamente com a pedagogia de Paulo Freire e com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa.

Durante esses anos, pude perceber constantemente minha construção enquanto Arte-Educadora e a importância do lúdico na criação de vínculos com as mulheres e no potencializar dos resultados do processo educativo ambiental. Construir o processo educativo em conjunto com essas mulheres, com intenção e estratégia, trazendo leveza para o cotidiano sofrido e árduo das mulheres em extrema vulnerabilidade socioambiental, como as mulheres da pesca artesanal. Ao mesmo tempo, contribuir para a sistematização das aprendizagens, tornando o mundo acessível e dialogando com a riqueza da leitura de mundo que as mulheres possuem, é um leme que auxilia as decisões dos rumos nos quais se quer navegar, da mesma forma que é a leveza que permite curtir a viagem e admirar as águas e tudo que compõe seu entorno.

Isso retorna à questão de pesquisa que me guiou durante esse trajeto, que me incitou a refletir sobre a minha práxis como educadora na educação ambiental e na Arte/Educação: qual é o papel da Arte/Educação no processo de

ensino aprendizagem na Educação Ambiental desenvolvida com comunidades tradicionais em espaços não formais?. Ao traçar os objetivos geral e específicos iniciais, pude compreender e aprofundar a minha práxis, avaliar e refletir sobre as minhas ações, planejamentos e resultados. Todo trabalho realizado é planejado antes, durante e depois e pode ser adaptado, de acordo com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa nos últimos anos, em que ela nos mostra os três eixos que não são lineares.

Além disso, trata-se de um processo dialético de mediação com o mundo e com as mulheres, que a partir do lúdico permite banhar-se nas artes que libertam à criatividade e transformam a relação social através de elementos fundamentais desenvolvidos por Freire: a capacidade de sonhar, projetar, trocar experiências, vivenciar, discutir, defender suas posições e ideias, sentir raiva, indignação, visto que o sujeito da ação é capaz de amar e ter utopia

Minha experiência com as artes e as mulheres da pesca reforça que podemos, de fato, fazer a diferença em uma reunião ou oficina, pois, com arte, a maré fica leve e sem águas turvas, para que possamos navegar com clareza em direção aos objetivos que queremos alcançar. Com atividades ricas em decorações dentro do contexto delas, como, por exemplo, redes, barcos, peixes, entre outros tipos de matérias de arte, bem como instrumentos musicais, teatro, pintura e atividades corporais podemos enriquecer o processo de aprendizagem. Inclusive, é possível valorizar as artesãs locais que transformam a natureza em artesanato, tais como o artesanato de taboa e trabalhos a partir de escamas de peixes.

Em 2016, vivi um marco na minha vida quando enxerguei terra à vista em relação a todo trabalho desenvolvido no projeto. Sem desvalorizar todos os outros projetos, destaco que nesse me senti ganhando vida como arte-educadora, enquanto as participantes ganharam vida através da vontade da realização das pinturas nos muros. Nesse momento, percebi o quanto as mulheres estavam envolvidas, inseridas e pertencentes àquele projeto de Educação Ambiental, atuando em todos os momentos da produção criativa.

Na contextualização do espaço adquirido por elas, a leitura dos muros em branco e a criação da imagem delas seguindo em frente de mão dadas até a finalização da obra de arte, todas em conjunto fortalecidas por inúmeras atividades que já haviam participado, elas se sentiam pertencentes daquele espaço e ali revelaram suas identidades através das artes.

Percebendo que poderiam ir além de ter apenas um espaço prático pedagógico, mas um espaço pintado, assinado e identificado com e por elas, exposto para apreciação e leitura de todos, uma pintura para o mundo e não somente para dentro do espaço FOCO.

Então, me sentia realmente uma arte-educadora, pois havia o receio de que elas não participassem da atividade abordada, que era totalmente nova para elas. No entanto, através de muito diálogo em rodas de conversa e construindo juntas as pinturas nos muros, o trabalho foi realizado.

Até o momento, essas pinturas são referências nas localidades, e ressalto a importância do direcionamento pedagógico em um trabalho artístico, como o realizado com as mulheres. Propor um trabalho de pintura artística dos muros foi tocar em questões de pré-conceito em relação à arte de rua como pichação e/ou vandalismo, sendo uma superação que foi possível a partir do vínculo e da confiança construída com elas.

Dessa forma, nessa experivivência e na práxis, ao longo desses dez anos desenvolvendo trabalhos como arte-educadora, acredito que, para navegar em mares desconhecidos, é necessário ter bases em conhecimentos de quem já “experivenciou” a práxis, como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Essas bases são necessárias para que o trabalho seja verdadeiro e realmente transformador, como foi e está sendo em nossas vidas. Ao ter realizado o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental da FURG, continuo aprendendo e ensinando, numa rede de conhecimentos que envolve a universidade, as mulheres inseridas na cadeia produtiva da pesca artesanal e eu.

Portanto, como apontado em nossa hipótese, o desenvolvimento processual do PEA-FOCO nos leva a afirmar que a Arte/Educação é essencial

como mediadora no desenvolvimento da Educação Ambiental e torna-se imprescindível quando se trata de pessoas com pouco ou nenhum letramento. Demonstrando que a mediação de uma profissional das artes garante a intencionalidade pedagógica por meio de ações planejadas de forma didática e pedagógica, utilizando uma metodologia que valoriza outros aspectos do ser humano e sua subjetividade, avançando para além do intelecto, da leitura e da escrita, usando a linguagem da expressão artística e popular na práxis educativa.

REFERÊNCIAS

AVANCINI, J. A. A arte – educação cria elos com o cotidiano? *In*: Simpósio Estadual de Arte e Educação: Arte/Educação e a construção do cotidiano, Porto Alegre, 1995. **Anais do Simpósio Estadual de Arte e Educação**. p. 20-27.

BARBOSA, A. M. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (org). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____, **Currículo do sistema currículo Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1650414096296319>. Acesso em: 28/02/2023.

BRASIL. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Portal oficial da Presidência da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso em: 28/02/2023.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal oficial da Presidência da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28/02/2023.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Portal oficial da Presidência da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28/02/2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Ana Mae Barbosa. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa759/ana-mae-barbosa>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOLLIDAY, O. J.. **Para sistematizar experiências**. Tradução: Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental no Licenciamento: uma análise crítica de suas contradições e potencialidades. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 10-35, setembro-dezembro, 2010.

_____. **Educação Ambiental**: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª. Edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

PEREIRA, M. O. **Relatório 19 – anexo J**. Relatório de Arte/Educação e de educomunicação. Trans For Mar Consultoria, 2021.

PEREIRA, M. O. R. **PEAs – Programas de Educação Ambiental no licenciamento**: uma análise e uma proposta pedagógica para além do Capital Social. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório analítico 4 – PEA-FOCO (Etapas 4 e 5) Fase 1**. Trans For Mar Consultoria, 2013.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório Analítico 5 - PEA-FOCO – Fase 2 (Momento 1)**. Trans For Mar Consultoria, 2014.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório Analítico 6 - PEA-FOCO – Fase 2 (Momento 2)**, Trans For Mar Consultoria, 2014a.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório Analítico 11 PEA-FOCO – Fase 4 (Momento2)**. Trans For Mar Consultoria, 2017.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório Analítico 12 PEA-FOCO – Fase 4 (Momento2)**. Trans For Mar Consultoria, 2017.

PEREIRA, M. O. R. **Relatório Analítico 18 PEA FOCO – Fase 4 (Momento2)**. Trans For Mar Consultoria, 2021.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL BACIA DE CAMPOS. **FOCO:** Apresentação. PEA-BC, 2023. Disponível em: <http://www.pea-bc.ibp.org.br/index.php?view=projeto-apresentacao&id=5>. Acesso em: 28/02/2023.

RACHE, R. P. **Arte/Educação Ambiental, um constructo transdisciplinar**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2016. Disponível: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23073>. Acesso em: 10 out. 2021.

ROSA, C. da. **Mulheres com Voz e Vez: A Educação Ambiental Crítica e Transformadora no Projeto de Educação Ambiental PEA-FOCO**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível: <https://argo.furg.br/?BDTD12702>. Acesso em: 10 out. 2021.

SAGGIOMO, Thais Gonçalves. **A estética do feminino no licenciamento ambiental federal de petróleo e gás: as contribuições da educação ambiental crítica na gestão ambiental pública**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande,, Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://argo.furg.br/?BDTD12693>. Acesso em: 10 out. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Lista de relatórios do PEA-FOCO e seus anexos organizados por fase de desenvolvimento do projeto abrangendo o período de agosto de 2011 a dezembro de 2020

Plano de Trabalho Fase 1 – agosto de 2011 a agosto de 2013	
Relatório	Anexos
RELATÓRIO 1 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Etapa 1) Período de referência: agosto a dezembro de 2011	ANEXO A - FIGURAS E DADOS COMPLEMENTARES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
	ANEXO B - REGISTRO FOTOGRÁFICO
	ANEXO C - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS E CONSULTADAS
RELATÓRIO 2 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Etapas 2 e 3 – parcial) Período de referência: janeiro a junho de 2012	A. Roteiro Pedagógico para a Inserção Comunitária - Etapa 2
	B. Resultados da pesquisa qualitativa – Etapa 2
	C. Gráficos demonstrativos da atividade produtiva das mulheres marisqueiras – Etapa 2
	D. Tabela de categorização dos resultados da pesquisa qualitativa – Etapa 2
	E. Registro fotográfico das atividades realizadas - Etapa 2
	F. Relatório descritivo e lista de presença das oficinas - Etapa 2
	G. Relatório técnico da preparação e indicação das participantes do curso de formação de educadoras populares – Etapa 3
	H. Atas das reuniões de preparação e indicação das participantes nas comunidades e seus adendos – Etapa 3
	I. Roteiro pedagógico para a Formação de Educadoras Populares na perspectiva de gênero e ambiente – Etapa 3
	J. Relatório descritivo da 1ª Oficina FOCO na realidade realizada em São Francisco do Itabapoana - Etapa 3
	K. Lista de presença da 1ª Oficina FOCO na realidade em São Francisco do Itabapoana – Etapa 3
	L. Atas das reuniões planejamento Momento 2 em São Francisco do Itabapoana – Etapa 3
	M. Relatório descritivo da 1ª Oficina FOCO na realidade realizada em São João da Barra – Etapa 3
RELATÓRIO 3 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Etapa 3 – Final) Período de referência: julho a dezembro de 2012	N. Lista de presença da 1ª Oficina FOCO na realidade em São João da Barra – Etapa 3
	O. Atas das reuniões planejamento Momento 2 em São João da Barra – Etapa 3
	A. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	B. Listas de presença do planejamento dos Exercícios Práticos: 2º Momento do Curso de Formação de Educadoras Populares (FOCO na Ação) - São Francisco

Plano de Trabalho Fase 1 – agosto de 2011 a agosto de 2013	
Relatório	Anexos
	C. Relatório descritivo e listas de presença do 2º Momento do Curso de Formação de Educadoras Populares (FOCO na Ação) - São Francisco do Itabapoana
	D. Relatório descritivo e listas de presença do 2º Momento do Curso de Formação de Educadoras Populares (FOCO na Ação) - São João da Barra
	E. Relatório descritivo e listas de presença do 3º Momento do Curso de Formação de Educadoras Populares (Oficina FOCO na Reflexão) - São João da Barra
	F. Relatório descritivo e listas de presença do 3º Momento do Curso de Formação de Educadoras Populares (Oficina FOCO na Reflexão) - São Francisco do Itabapoana
	G. Relatório de participação das educadoras populares no Seminário de Fortalecimento das Atividades da Pesca e da Aquicultura na Região Hidrográfica IX
	H. Relatório de participação das educadoras populares na Reunião Território da Cidadania
	I. Relatório Visitas Institucionais
RELATÓRIO 4 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO - (Etapas 4 e 5) Período de referência: dezembro de 2012 a agosto de 2013	A. Relatórios descritivos e listas de presença das oficinas preventivas do câncer de pele em SJB
	B. Roteiro Pedagógico da Etapa 4
	C. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São Francisco do Itabapoana e São João da Barra
	D. Relatórios descritivos e listas de presença das oficinas de estêncil – São Francisco do Itabapoana e São João da Barra
	E. Relatório visitas institucionais
	F. Relatório de atividades da comissão de saúde do PEA-FOCO - São Francisco do Itabapoana
	G. Resultados da pesquisa sobre direitos da mulher
	H. Atividades preparatórias do I Encontro do PEA-FOCO: proposta técnica do encontro e relatório de mobilização
	I. Relatório descritivo do I Encontro do PEA-FOCO e lista de presença
	J. Atividades de repercussão do I Encontro do PEA-FOCO
	K. Atividades complementares

Plano de Trabalho Fase 2 – setembro de 2013 a setembro de 2016	
Relatório	Anexos
RELATÓRIO 5 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO - (Momento 1 – Fase 2) Período de referência: setembro de 2013 a março de 2014	A. Roteiro Pedagógico do Momento 1
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo e lista de presença da 1ª Reunião da CART
	D. Resultados da Enquete para a 1ª Reunião da CART
	E. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São João da Barra e São Francisco do Itabapoana
	F. Relatórios descritivos e listas de presença das oficinas de <i>Cupcake</i>
	G. Relatório de atividades e listas de presença das oficinas de artesanato
	H. Relatório descritivo e lista de presença da 2ª Reunião da CART e Estatuto Social da Associação de Mulheres Apoiadoras do PEA-FOCO
	I. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões comunitárias de fundação da entidade jurídica do PEA-FOCO
	J. Relatório de visitas institucionais e atividades complementares
RELATÓRIO 6 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO - (Momento 2 – Fase 2) Período de referência: abril a setembro de 2014	A. Roteiro Pedagógico do Momento 2
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões da Diretoria da AMA PEA-FOCO
	D. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São Francisco do Itabapoana e São João da Barra
	E. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões dos núcleos comunitários do PEA-FOCO
	F. Relatório e listas de presença do Curso de Gestão Ambiental do PEA-FOCO – Módulos I e II
	G. Descrição metodológica, relatório e resultados das ações de educomunicação
	H. Relatório de visitas institucionais
	I. Relatórios descritivos e listas de presença das atividades complementares
RELATÓRIO 7 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO – (Momento 3 – Fase 2)	A. Roteiro Pedagógico do Momento 3
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e listas de presenças das reuniões da Diretoria da AMA PEA-FOCO – Associação de Mulheres Apoiadoras do PEA-FOCO

Plano de Trabalho Fase 2 – setembro de 2013 a setembro de 2016	
Relatório	Anexos
Período de referência: outubro de 2014 a março de 2015	D. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões bimensais das educadoras populares - São Francisco do Itabapoana e São João da Barra
	E. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões dos núcleos comunitários do PEA-FOCO
	F. Relatório e listas de presença do Curso de Gestão Ambiental do PEA-FOCO – Módulos III e IV
	G. Relatório de visitas institucionais
	H. Relatórios descritivos e listas de presença das atividades complementares
RELATÓRIO 8 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 4– Fase 2) Período de referência: abril a setembro de 2015	A. Roteiro Pedagógico do Momento 4
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e listas de presenças das reuniões da AMA PEA-FOCO – Associação de Mulheres Apoiadoras do PEA-FOCO
	D. Relatórios descritivos dos desdobramentos das demandas dos núcleos comunitários do PEA-FOCO
	E. Relatório e listas de presença das ações preparatórias do intercâmbio
	F. Relatório da viagem de intercâmbio no Rio Grande do Sul
	G. Relatório de visitas institucionais
RELATÓRIO 9 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 5 – Fase 2) Período de referência: outubro de 2015 a março de 2016.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 5
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e listas de presenças das reuniões ordinárias do projeto
	D. Relatórios descritivos e listas de presença das reuniões devolutivas do intercâmbio
	E. Relatório e listas de presença das ações conjuntas com o PCAP (Plano de Compensação da atividade Pesqueira) – Curso de Planejamento e Vendas Módulos I e II
	F. Relatórios descritivos e listas de presença das atividades complementares;
	G. Resultados da pesquisa sobre a utilização dos serviços de saúde pública.
RELATÓRIO 10 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 6 – Fase 2)	A. Roteiro Pedagógico do Momento 6
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório e lista de presença reunião regional de avaliação – AMA PEA-FOCO

Plano de Trabalho Fase 2 – setembro de 2013 a setembro de 2016	
Relatório	Anexos
Período de referência: de abril a setembro de 2016.	D. Relatórios descritivos e listas de presenças das reuniões comunitárias do processo de avaliação
	E. Relatórios e listas de presença do II Encontro de Mulheres do PEA-FOCO
	F. Relatório descritivo e lista de presença do curso de planejamento e vendas (Módulo III)
	G. Relatório descritivo e listas de presença reuniões devolutivas do II Encontro de Mulheres do PEA-FOCO
	H. Relatório descritivo e listas de presença do curso de boas práticas e manipulação de pescados
	I. Relatório de visitas institucionais e atividades complementares
	J. Resultados da Investigação/Ação Participativa (IAP)

Plano de Trabalho Fase 3 – setembro de 2016 a dezembro de 2019	
Relatório	Anexos
RELATÓRIO 11 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 1 – Fase 3) Período de referência: outubro de 2016 a março de 2017.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 1
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e lista de presença das reuniões da AMA PEA-FOCO
	D. Relatório descritivo e lista de presença da Oficina de Associativismo e cooperativismo com enfoque na Arte/Educação – Municipal
	E. Relatório descritivo e lista de presença da Oficina de culinária com elementos de associativismo e cooperativismo autogestionário – Municipal (Entrega oficial das Cozinhas Pedagógicas)
	F. Relatório descritivo e lista de presença da Oficina de Associativismo e cooperativismo: desafios do trabalho coletivo – Municipal
	G. Relatório descritivo de mobilização e visitas domiciliares
	H. Relatório descritivo da Roda de Conversa Núcleo Comunitário - Lagoa Feia
	I. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	J. Documentação AMA PEA-FOCO
	K. Certificados Corpo de Bombeiros Cozinhas Pedagógicas/Espaços FOCO
RELATÓRIO 12 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 2 – Fase3) Período de referência: abril a setembro de 2017.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 2
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e lista de presença das reuniões da AMA PEA-FOCO
	D. Relatório descritivo e lista de presença da Oficinas de Culinária – Municipal
	E. Relatório descritivo das Rodas de Conversa Núcleos Comunitários
	F. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	G. Documentação Cozinhas Pedagógicas/Espaços FOCO
	H. Relatório descritivo Minicurso de Pesca e Justiça Ambiental no contexto de gênero
RELATÓRIO 13 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 3 – Fase 3_) Período de referência: outubro 2017 a março 2018	A. Roteiro Pedagógico do Momento 3
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatórios descritivos e lista de presença das reuniões da AMA PEA-FOCO - Regional
	D. Relatório descritivo e lista de presença do Minicurso autogestão e desafios da convivência e retrospectiva anual – Municipal
	E. Relatório descritivo das Rodas de Conversa Núcleos Comunitários

Plano de Trabalho Fase 3 – setembro de 2016 a dezembro de 2019	
Relatório	Anexos
	F. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	G. Relatório descritivo e lista de presença do Oficinas e Cursos de Culinária – Municipal
	H. Documentação Cozinhas Pedagógicas/Espaços FOCO
	I. Registro fotográfico Momento 3
	J. Relatório da Oficina de Formação da equipe técnica
RELATÓRIO 14 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 4 – Fase 3) Período de referência: abril a setembro 2018	A. Roteiro Pedagógico do Momento 4
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo e listas de presença do Minicurso de Associativismo e Cooperativismo utilizando metodologia de troca de experiência com outros casos de sucesso – Regional
	D. Relatório descritivo e listas de presença das Rodas de Conversa Núcleos Comunitários
	E. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	F. Relatório descritivo e listas de presença das Oficinas e Cursos de Culinária – Municipal
	G. Relatório da Oficina de Formação da equipe técnica
	H. Relatório entrevistas economia criativa
RELATÓRIO 15 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 5 – Fase 3) Período de referência: outubro 2018 a março 2019.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 5
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo e lista de presença das oficinas regionais
	D. Relatório descritivo e lista de presença das oficinas municipais
	E. Relatório descritivo e lista de presença das Reuniões dos Núcleos Comunitários
	F. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	G. Relatório descritivo da síntese do processo avaliativo
RELATÓRIO 16 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 6 – Fase 3) Período de referência: Abril a Dezembro de 2019.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 6
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo e lista de presença das reuniões preparatórias da comissão de planejamento do 3º Encontro de Mulheres na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal
	D. Relatório descritivo e lista de presença das reuniões municipais preparatórias do 3º Encontro de Mulheres na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal

Plano de Trabalho Fase 3 – setembro de 2016 a dezembro de 2019	
Relatório	Anexos
	E. Relatório do 3º Encontro de Mulheres na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal
	F. Relatório descritivo e lista de presença das Reuniões dos Núcleos Comunitários
	G. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	H. Relatório das reuniões preparatórias e de participação no Fórum da Pesca
	I. Relatório oficina capacitação equipe técnica
	J. Relatório da reunião regional de encerramento do ano e realização da Assembleia geral ordinária da AMA PEA-FOCO

Plano de Trabalho da Fase 4 – janeiro 2020 a dezembro 2023	
Relatório	Anexos
RELATÓRIO 17 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 1 – Fase 4) PEREGRINO Período de referência: Janeiro a junho de 2020.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 1
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo Reunião Alinhamento Conceitual
	D. Relatório da Revisão Bibliográfica
	E. Relatório descritivo Inserção Comunitária
	F. Relatório descritivo das Reuniões de Coordenação Pedagógica
	G. Relatório descritivo das Reuniões de discussão do Plano de Negócios
	H. Relatório descritivo das ações de desenvolvimento de ações do Plano de Negócios
	I. Relatório descritivo das reuniões de apresentação do projeto nas comunidades (Armação dos Búzios, Arraial do Cabo e Cabo Frio)
	J. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	K. Relatório ações de educomunicação
	L. Relatório descritivo da Formação Continuada
RELATÓRIO 18 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 2 – Fase 4) Período de referência: Julho a dezembro de 2020.	A. Roteiro Pedagógico do Momento 2
	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo Reuniões apresentação do projeto nas comunidades (Armação dos Búzios, Arraial do Cabo e Cabo Frio)
	D. Relatório das Visitas e pequenas reuniões nas comunidades da Região dos Lagos (atividade adaptada para modalidade <i>online</i>)
	E. Relatório descritivo Oficina Municipal Curso de Capacitação Agentes de Educação Ambiental da Região dos Lagos
	F. Relatório descritivo das Oficinas municipais temática empreendedorismo no norte fluminense
	G. Relatório descritivo das ações de desenvolvimento de ações do Plano de Negócios
	H. Relatório descritivo da Assessoria Técnica e Contábil AMA PEA-FOCO
	I. Relatório descritivo das ações de articulação institucional e atividades complementares
	J. Relatório ações de educomunicação
	K. Relatório descritivo Monitoramento COVID-19 participantes PEA-FOCO
	A. Roteiro Pedagógico do Momento 3

Plano de Trabalho da Fase 4 – janeiro 2020 a dezembro 2023	
Relatório	Anexos
RELATÓRIO 19 DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PEA-FOCO (Momento 3 – Fase 4) Período de referência: Janeiro a junho de 2021.	B. Relação cronológica das atividades realizadas no período
	C. Relatório descritivo Reunião Capacitação Interna da Equipe Técnica
	D. Relatório descritivo Visitas e pequenas reuniões nas comunidades – convites para capacitação municipal – Região dos Lagos
	E. Relatório descritivo Oficinas municipais de Capacitação de Agentes de Educação Ambiental – Módulo 1 (Armação de Búzios, Arraial do Cabo e Cabo Frio)
	F. Relatório descritivo das Oficinas municipais temática alimentação saudável (São Francisco de Itabapona e São João da Barra)
	G. Relatório descritivo das ações de desenvolvimento de ações do Plano de Negócios
	H. Relatório descritivo da Assessoria Técnica e Contábil à AMA PEA-FOCO
	I. Relatório descritivo das Visitas Institucionais e Atividades Complementares
	J. Relatório de Arte/Educação e de educomunicação
	K. Relatório descritivo Monitoramento COVID-19 participantes PEA-FOCO
	L. Roteiro Pedagógico do Momento 3

APÊNDICE 2 - Lista de produtos de áudio e vídeo publicados no canal do Youtube PEA-FOCO relacionados a Arte/Educação realizados para o projeto no período da pandemia COVID-19, no período de outubro de 2020 até 2021



Este apêndice faz parte das atividades das ações de Arte/Educação elaboradas por mim e pela equipe do PEA-FOCO, inseridas no cronograma de execução do projeto, em razão da pandemia da COVID-19. Mostramos nesse apêndice a importância da Arte/Educação no desenvolvimento dos cursos e oficinas na modalidade Educação a Distância (EaD). Embora não seja objeto imediato desta pesquisa, a produção de material audiovisual é um desafio a ser enfrentado no PEA-FOCO.

Abaixo, seguem os *links* para as publicações relacionadas à Arte/Educação postadas no canal do PEA-FOCO, como ,por exemplo vídeos de performances, dinâmicas realizadas nas oficinas *online* e diversas vinhetas para compor os vídeos informativos, comemorativos e vídeos para recordar as atividades do projeto, com conteúdo relacionados a assuntos de interesse das mulheres e aos objetivos dos temas propostos pelo projeto.

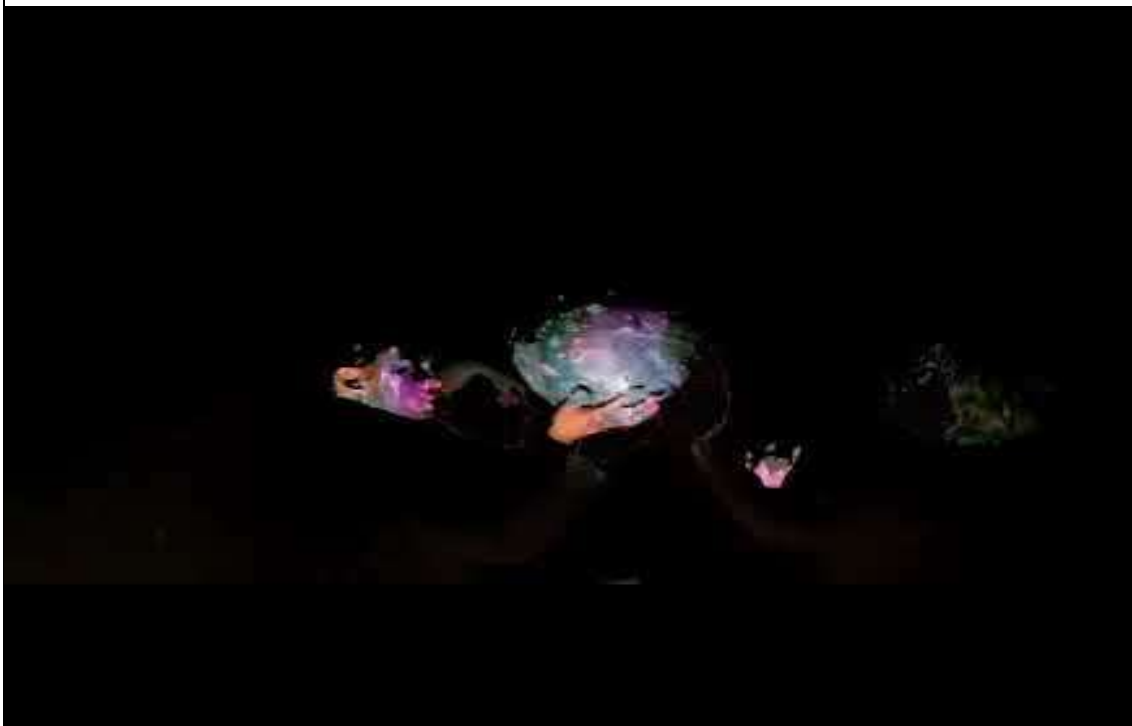
Vídeos Arte performance

Esses vídeos dão vida e movimento à aquarela que ilustra a capa da Agenda 2021 do PEA-FOCO. O objetivo é valorizar o contexto das mulheres inseridas na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal, abordando temas como os dez anos do projeto, o Dia do Meio ambiente e o Dia da Trabalhadora.

[Vídeo Arte Performance 10 ANOS PEA-FOCO](#)



[Dia Mundial do Meio Ambiente FOCO 2021](#)



[VídeoPEA-FOCO Arte/Educação Ambiental](#)



O Março Lilás

Estes vídeos lançaram uma campanha de homenagem às mulheres no mês de março, que denominamos Março Lilás. Então, foi criada uma vinheta para o evento e convidamos as participantes e apoiadoras do projeto a gravarem vídeos de apoio às lutas e conquistas das mulheres de todo o mundo. Durante todo mês, estivemos conversando, através de nossas redes sociais, sobre temas relacionados aos direitos das mulheres.

[AMA PEA-FOCO MARÇO LILÁS 2021](#)



Abertura do Março Lilás Maria Odete



[FOCO no Março Lilás - 8 De Março Dia Internacional das Mulheres](#)



[FOCO no Março Lilás Escarlate](#)



[FOCO no Março Lilás Lindaura](#)



[MARÇO LILÁS Clara da Rosa](#)



[FOCO no Março Lilás Região dos Lagos-RJ](#)



[FOCO no Março Lilás Dia Internacional contra a Discriminação Racial](#)



Os 10 anos do PEA-FOCO

Estes vídeos foram realizados para a comemoração dos dez anos do PEA-FOCO. A Arte/Educação contribuiu para a criação das vinhetas e edições nos vídeos de homenagem ao projeto, assim como toda a arte gráfica do Festival Gastronômico. O objetivo do mês de comemoração dos dez anos projeto é dar continuidade e criar vínculos com as participantes.

[FESTIVAL GASTRÔNOMICO 10 ANOS PEA-FOCO SET/21](#)



10 Anos PEA-FOCO



10 ANOS PEA-FOCO LEMBRANÇAS | ENCONTRO



10 ANOS PEA-FOCO LEMBRANÇAS II ENCONTRO



O 3º Encontro de Mulheres da cadeia produtiva da Pesca Artesanal

Esse encontro foi realizado pelo PEA-FOCO em outubro de 2019, em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro. O vídeo mostra um pouco do que foi a realização desse evento, que foi muito produtivo e cheio de trocas de experiências e de saberes. Como diz o ditado, “mulheres são como águas: crescem quando se encontram”

[III ENCONTRO DE MULHERES PEA-FOCO](#)



Oficinas

O PEA-FOCO realizou as oficinas "Foco na alimentação", que abordou a alimentação saudável e o movimento, com o objetivo de promover a reflexão sobre isso de forma a estabelecer relações com saúde do corpo, suas causas e consequências, junto às mulheres do PEA-FOCO nos municípios São João da Barra e São Francisco de Itabapoana. Esse foi um momento de troca entre as mulheres e de muito aprendizado .

Abaixo estão os recortes das dinâmicas realizadas nas oficinas sobre alimentação.

[Dinâmica Jô da Rosa Oficina FOCO na Alimentação Março 2021](#)



Dinâmica Jô da Rosa - Oficina FOCO na Alimentação: Benefícios do consumo de pescado

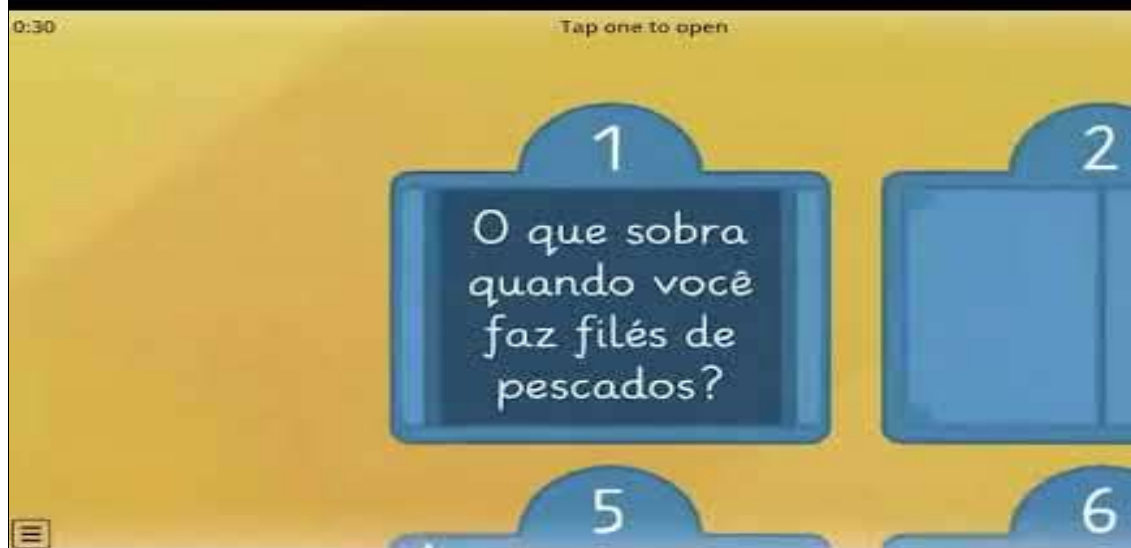
12

Drag wheel to spin



Spin it

Dinâmica Jô da Rosa - Oficina FOCO na Alimentação: Benefícios do consumo de pescado



[Dinâmica oficina Beneficiamento do pescado 26 de maio](#)

4:40

Qual parte
deve ser moída
antes de ferver?



◀ 5 of 8 ▶

[Dinâmica sobre o Refino do óleo de pescado Oficina FOCO na Alimentação saudável](#)

2:21



Dinâmica da Oficina “Foco na Alimentação: Benefícios e Possíveis Aplicações da Quitina e Quitosana”



Oficina 3 FOCO Na Alimentação- Etapas de extração de quitina



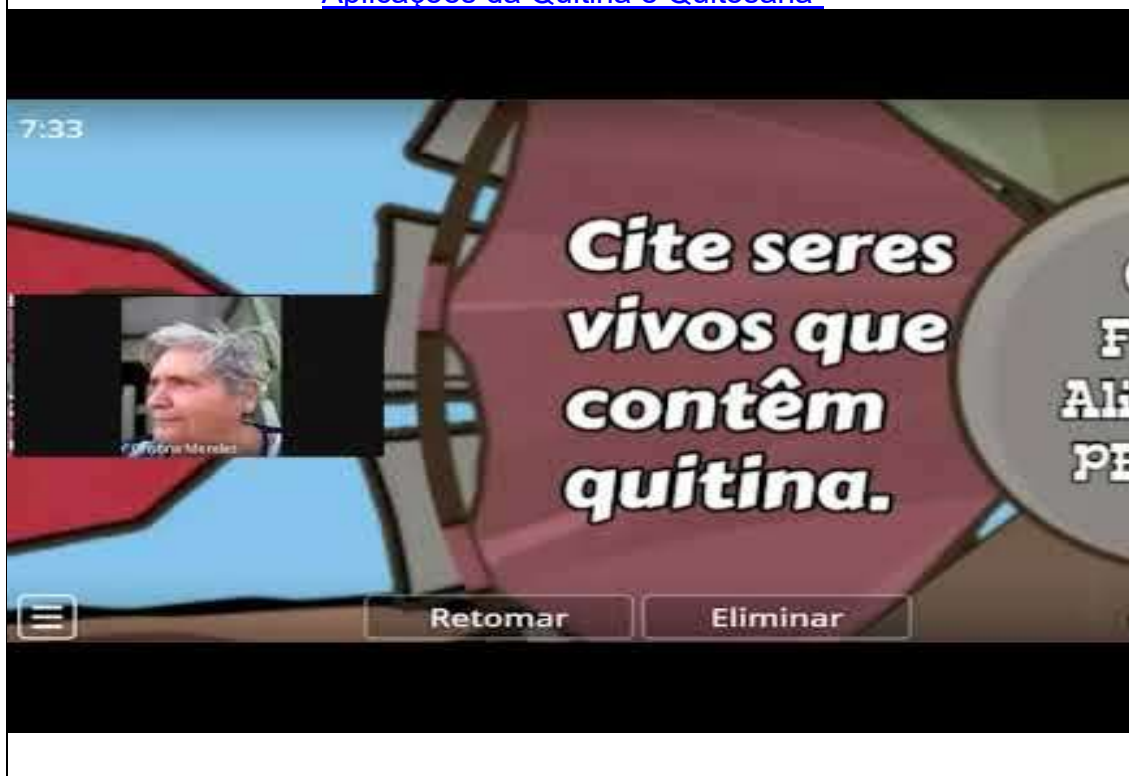
**E assim obtemos um
produto nutritivo!**

Oficina 3 FOCO Na Alimentação- Receita de pão com farinha de quitina



Após alguns minutos...

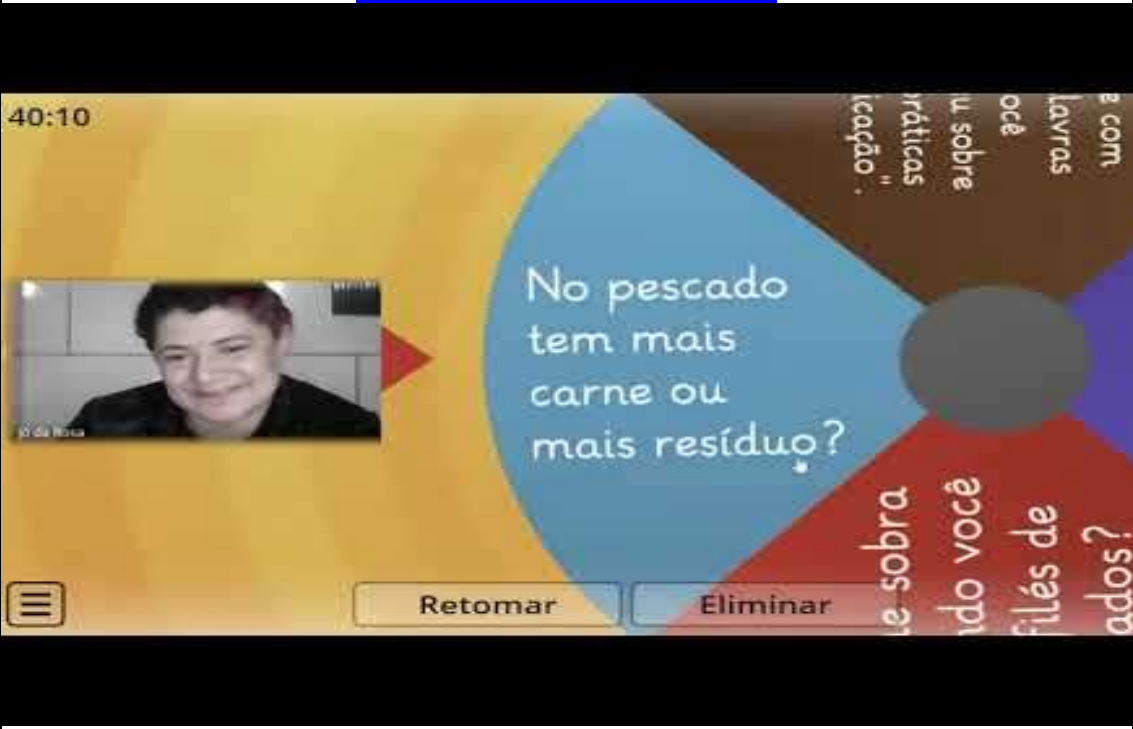
Dinâmica da Oficina 2 “Foco na Alimentação: Benefícios e Possíveis Aplicações da Quitina e Quitosana”



Mascote Marisol

FOCO na Ação do Curso de Capacitação de Agentes de Educação Ambiental do PEA-FOCO (CCAEEA) na região dos lagos. Nesta etapa do curso, foram abordados temas relacionados aos benefícios do consumo do pescado e ao processo de produção, seu beneficiamento e seu aproveitamento. Durante a dinâmica da oficina, a **mascote Marisol**, construída junto com as participantes da última oficina do Módulo 1, “FOCO na Realidade” foi apresentada como uma novidade e que passará a interagir com o grupo como uma facilitadora na construção da aprendizagem.

[Dinâmica da Oficina 2 “Benefícios e Beneficiamento de Pescados” do Curso do PEA-FOCO \(CCAEEA\) - Módulo2](#)

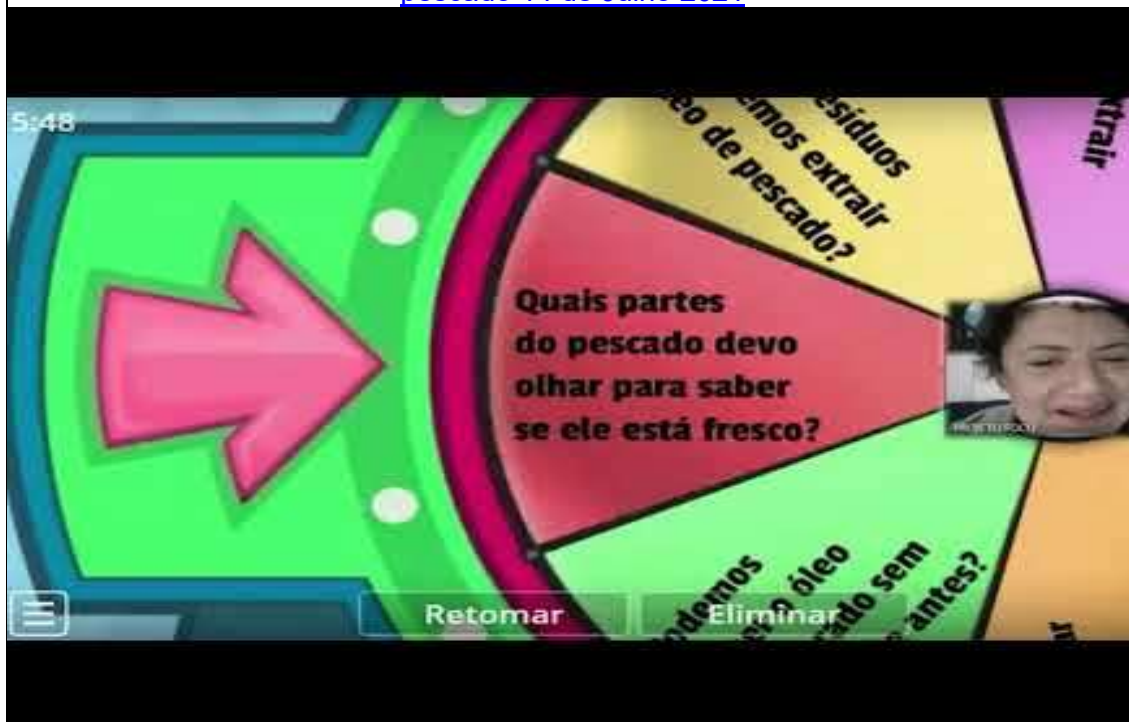


40:10

No pescado tem mais carne ou mais resíduo?

Retomar Eliminar

[Dinâmica RELEMBRANDO as oficinas de Alimentação Saudável Refino do óleo de
pescado 14 de Julho 2021](#)



[Dinâmica do Módulo 2 FOCO na Ação-Curso de Capacitação de Agentes de
Educação Ambiental do PEA-FOCO](#)

